

O Educador de Infância Portador de Deficiência Motora

Susana Filipa Rodrigues Santos

Relatório Final realizado no âmbito da

Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-escolar

Ano Letivo 2013/2014

Orientador: Doutor António Montiel

Lisboa

Julho, 2014

"Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós, deixam um pouco de si, levam um pouco de nós."

(Antoine de Saint Exupéry)

"É apenas com o coração que se pode ver direito; o essencial é invisível aos olhos."

(Antoine de Saint Exupéry)

"Somos o que fazemos, mas somos principalmente o que fazemos para mudar o que somos"

(E. Galeano)

Dedico este trabalho ao meu filho por ser a força
impulsionadora que tornou todo este percurso
possível e aos meus pais por toda a dedicação e
compreensão ao longo destes quatro anos.

Agradecimentos

Começo por agradecer todo o apoio, incentivo, disponibilidade, paciência, apoio e dedicação para a elaboração deste Relatório Final, ao Professor Doutor António Montiel. Agradeço a partilha de sabedoria, foi sem dúvida um grande privilégio ser sua orientanda.

Não posso deixar de agradecer à Professora Cecília Moreira que sempre me deu conselhos sábios ao longo deste meu último estágio, o meu enorme obrigado à educadora com quem partilhei este ano letivo e que tornou todo este estudo possível. Tenho de frisar as crianças que tanto contribuíram para que eu crescesse e evoluísse tanto a nível pessoal como profissional, é fantástico quando nos permitem entrar no seu mundo mágico, lá aprendemos todos os dias a ser pessoas muito melhores.

O meu agradecimento especial vai para o meu filho que foi a minha força o apoio que sempre precisei para nunca desistir, foi o seu sorriso diário que me permitiu ser quem sou hoje. Aos meus pais que nestes quatro anos me apoiaram incondicionalmente, olhando pelo meu filho para que eu realizasse esta longa caminhada. Ao meu namorado que mesmo surgindo nesta fase final do curso tem sido um apoio necessário.

Tenho de destacar duas grandes amigas que me fizeram ingressar neste curso, fazendo-me acreditar que nunca é tarde para estudar, obrigada Ninó e Jopi.

Por fim tenho de referir a turma fantástica onde tive o privilégio de ingressar, destacando pessoas magnificas com quem criei laços para o resto da vida e que comigo percorreram lado a lado este longo caminho, apoiando-me, nunca deixando que os maus momentos prevalecessem, são elas, Soraia Martins, Paula Oliveira, Filipa Felgueiras, Ana Patrícia Neo e Inês Antunes, gosto muito de vocês pois foram sem dúvida importantes ao longo de todo o curso, acompanharam-me e tornaram este sonho ainda mais especial e

significativo, convosco partilhei muito e com toda a certeza a relação que estabelecemos na faculdade não termina aqui. É a vocês sem qualquer incógnita que devo a pessoa que hoje sou obrigada por partilharem comigo estes quatro anos intensos.

Resumo

O presente trabalho foi realizado em contexto de Jardim-de-Infância, com crianças da faixa etária dos três, quatro e cinco anos, na EB/JI de Bolembre.

Este tema emerge da condição física da educadora da sala dois desta mesma escola, sendo o tema deste trabalho “As Práticas do Educador de Infância Portador de Deficiência Motora”. O objetivo deste estudo consiste não só em compreender as práticas pedagógicas desta educadora, mas também a forma como se integra no contexto de trabalho e é acolhida pela comunidade escolar, bem como o próprio Estado elaborou estratégias e leis que lhe permitam ser integrada no mundo do trabalho.

A metodologia que me permitiu elaborar esta investigação foi de carácter qualitativo sendo os instrumentos de recolha de dados, a observação, neste caso, as notas de campo e os inquéritos por questionário aos pais/encarregados de educação, e à Educadora de Infância.

Para ver as questões associadas ao problema respondidas tive de recorrer a pesquisa documental/teórica, baseando-me em visões de diversos autores. Tive também a necessidade de refletir sobre tudo o que observei no contexto de sala de Jardim-de-Infância, da relação da educadora com as crianças e demais intervenientes que com ela se relacionaram ao longo de todo este ano letivo.

Por fim foi-me necessário proceder à análise das respostas dadas em todos os inquéritos por questionário que elaborei.

Palavras-chave: Deficiência; Leis; Práticas do Educador de Infância; Integração.

Abstract

This work was done in the context of Garden-of-Childhood, children with the age range of three, four and five years in the EB / JI Bolembre.

This topic talks about the physical condition of a kindergarten from classroom number two teacher, this teacher is also teaching at the same school mentioned above, with the theme of this work "The Childhood Practice Educator Carrier Motor Disabilities".

The aim of this study is not only to understand the pedagogical practices of this educator, but also how it fits into the context of work and is welcomed by the school community as well as the state itself elaborated strategies and laws to allow it to be integrated into the world job.

The method that allowed me to do this research was based on data collection, in this case the observation, field notes and questionnaire surveys to parents / guardians, and Childhood Educator. To see the answered questions associated with the problem had to resort to documentary / theoretical research, based on my views of several authors. I also had the need to reflect on everything that I have observed in the context of saddle Garden-of-Childhood Educator of the relationship with children and other stakeholders with which it is related throughout this school year.

Finally, I was required to analyze the responses in all surveys questionnaire elaborated.

Keywords: Disabilities; Laws; Practices of Childhood Educator; Integration.

Índice

Introdução	1
1. Percurso Formativo	1
2. O Local de Estágio	3
3. Motivação para o Estudo	10
4. Problema e Questões de Investigação	12
5. Organização do Relatório	12
Capítulo 1	14
Enquadramento Teórico	14
1. Legislação e Medidas	14
2. Diferença	17
3. Inclusão	18
4. Emprego	20
5. As Práticas do Educador de Infância	22
Capítulo 2	26
Metodologia	26
1. Metodologia Qualitativa	26
2. Técnicas de Recolha	29
2.1 Observação	30
2.1.1. Notas de Campo	32

2.1.2. Inquérito por Questionário	33
3. Análise e Interpretação de Informação Qualitativa	35
Capítulo 3	41
Análise de Dados	41
1 Análise das Notas de Campo	41
2 Análise dos Questionários por Inquérito aos Pais/Encarregados de Educação	46
3 Análise do Questionário por Inquérito realizado à Educadora de Infância	51
4 Cruzamento do Dados Alcançados	52
Capítulo 4	54
Considerações Finais	54
1 Conclusões do Estudo	54
2 Constrangimentos	58
Referências Bibliográficas	60
Web Grafia	62
Anexos	i
Anexo I – Notas de Campo	ii
Anexo II – 1º Inquérito por Questionário efetuado aos Pais/Encarregados de Educação	xxi

Anexo III – 2º Inquérito por Questionário efetuado a uma amostra de Pais/Encarregados de Educação	lxii
Anexo IV – Inquérito por Questionário efetuado à Educadora de Infância	lxxi

Introdução

O presente relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, resultando do trabalho realizado em contexto de Jardim-de-Infância, a minha principal finalidade é compreender como é feita a integração de um Educador de Infância portador de deficiência motora, por parte das crianças, encarregados de educação, colegas de trabalho, ou seja, comunidade escolar, pretendo desta forma contribuir para o estudo desta realidade.

1. Percurso Formativo

Não posso referir-me ao meu percurso formativo sem antes falar de alguns dos valores que me guiam na minha prática pessoal e profissional. Todos temos em nós valores que todos os dias nos regem e nos fazem agir e pensar de uma forma e não de outra. Sendo que uns são mais vincados, revelando-se mais importantes para nós, daí serem levados em conta na relação com os outros.

Após uma introspeção cheguei à conclusão que os valores mais vincados em mim são a coerência e a humildade.

Ao longo da minha vida tenho-me debatido comigo própria por saber que não vou mudar o mundo, no entanto gostaria de poder fazer a diferença. Quando cometo um erro tenho mesmo de o assumir e acima de tudo, pedir desculpa se não fico mal comigo própria e não consigo tirar esse episódio da cabeça. Este pequeno gesto só por si sinto que faz a diferença. Quando prometemos algo que à partida será impossível de cumprir então de que vale fazê-lo? Lembro-me de quando era criança dar comigo a questionar isso mesmo e a

revolta que sentia pelo adulto que me falhou. Estes acontecimentos marcam as crianças e raramente são esquecidos.

Pela minha vivência tento sempre ser justa comigo e com os outros, ser humilde o suficiente para não pensar só em mim e no que eu sinto ou penso. Há que valorizar o outro, procurando respeitar o que pensa e sente. As vivências dos outros não são as minhas e isso tem de ser levado em consideração.

No meu ponto de vista, os valores a que me tenho vindo a referir, permitem aceitar o outro tal como ele é, sem tirar juízos de valor. Na educação isso é essencial, visto estarmos em contato com tantas individualidades, contextos e vivências.

Transmitir tudo isto na minha prática é essencial, assumir os erros, pedir desculpa sempre que necessário, seja a uma criança ou a um adulto, faz parte da minha essência. Procuro ouvir sempre o outro no sentido de não julgar o desconhecido, e acima de tudo não prometo o que não posso dar.

Faço questão de revelar à equipa com quem trabalho onde não me sinto segura e os medos e receios que tenho.

Acima de tudo é fundamental aceitar-me tal como sou, é este o caminho que procuro alcançar todos os dias, acredito que só assim posso realmente evoluir.

Iniciei o curso com todas as expectativas possíveis, com vontade de aprender, evoluir e no fundo é isso que se vai alcançando ao longo da caminhada académica, a licenciatura permitiu-me alcançar algo mais além, comecei a ver o “porquê” das coisas, e que há objetivos em toda a prática pedagógica, bem como uma intencionalidade.

Ao longo deste percurso tenho vindo a encontrar-me enquanto profissional, a escola só me dá as linhas orientadoras, isto é, sou orientada mas sou eu quem construo o

meu próprio caminho. Em cada estágio que fiz, senti-me crescer enquanto pessoa e profissional, no entanto ainda tenho muito a aprender com os outros e comigo mesma, estamos em constante construção ao longo de toda a nossa vida.

Realizar o Mestrado em Educação Pré-Escolar é para mim o fim de uma longa caminhada, o alcançar de uma meta à qual me propus, é no fundo o fechar de um capítulo, para poder dar início a outro, que sei, que se encontra cheio de novos conhecimentos, e de vontade de encontrar a educadora que sou e que espero ser.

Sei que este é apenas o passo para uma continuidade formativa, um educador está em constante crescimento, evolução e aprendizagem, assim espero continuar a minha caminhada formativa, sem nunca esquecer que a Educação é uma área em constante evolução, os tempos evoluem e a Educação tem de seguir o seu percurso lado a lado com a evolução da sociedade.

2. O local de estágio

O Jardim-de-Infância de Bolembre está inserido no Agrupamento Alto dos Moinhos, este J.I. funciona dentro do edifício da escola básica do 1º ciclo.

O edifício da EB1 de Bolembre foi inaugurado no dia 15 de Abril de 1985.

Ainda em 2009 a escola tinha quatro salas onde funcionavam 6 turmas. Duas dessas turmas em horário normal, duas turmas com horário duplo da manhã e duas com o horário duplo da tarde. Para além das salas de aula, era composto ainda, por dois gabinetes (um funcionava como sala de professores e o outro foi cedido à Associação de Pais), um espaço polivalente onde funcionavam as Atividades de Enriquecimento Curricular, a

biblioteca e o refeitório. Um espaço exterior amplo, com um campo de jogos e espaços livres. Neste espaço existia ainda outro edifício onde funcionava o Jardim de Infância.

Já em 2010 foi ampliado e melhorado. O edifício contíguo ao espaço da escola é neste momento utilizado pelo ATL. O Jardim de Infância ocupa assim duas salas do edifício principal.

O edifício principal tem oito salas de aula, estando seis ocupadas com as turmas do primeiro ciclo e duas ocupadas pelo Jardim de Infância. Tem um refeitório, ginásio, biblioteca, sala de professores, gabinetes para a Associação de Pais e para as Assistentes Operacionais, gabinetes de arrumos e WC para crianças e adultos. Todas as salas do primeiro ciclo estão equipadas com quadros interativos.

No espaço exterior há um campo de futebol e pequenas zonas pavimentadas onde as crianças podem brincar, mas de áreas modestas, uma vez que o espaço exterior foi limitado devido ao alargamento do edifício. Há também um escorrega na lateral do edifício principal do qual todas as crianças usufruem.

O Agrupamento de Escola Alto dos Moinhos nasceu no ano letivo 2003/2004. Este nome deve-se à Escola Sede se localizar num lugar tradicionalmente designado por Alto dos Moinhos, terra onde, em tempos distante, a sua gente saloia moía a farinha com a força do vento.

Este Agrupamento está inserido no conselho de Sintra, limite da freguesia da Terrugem, que por sua vez confina com a freguesia de São João das Lampas.

O Agrupamento Alto dos Moinhos integra 13 estabelecimentos distribuídos por uma área muito alargada e dispersa, é assim constituído pela Escola Alto dos Moinhos (sede), por 10 escolas básicas do 1ºciclo e sete Jardins-de-Infância., um deles com duas

salas (Jardim-de-Infância de Bolembre). A população escolar conta assim com cerca de 1425 alunos, divididos por 62 turmas.

Está referido no Projeto educativo a dificuldade de articulação entre os diversos estabelecimentos do agrupamento devido a distância a que se encontram uns dos outros. Está também em causa a sobrelotação de alguns desses estabelecimentos dificultando a gestão dos espaços.

Acreditam que cabe à escola prestar um serviço público, dotando os jovens cidadãos das competências e conhecimentos, permitindo que cada um explore em pleno as suas capacidades. Cabe assim à mesma contribuir junto da comunidade educativa para uma melhoria da qualidade de ensino, formação e educação.

Procuram caminhar no sentido de definir o perfil de cada aluno, qualquer que seja o seu rumo. Têm como prática a reflexão, a tolerância e o respeito por cada um e por todos. Desta forma acreditam dar uma boa preparação académica a cada um dos alunos, a par de uma sólida formação humana, afetiva e social.

Os objetivos são assim:

- Promover o sucesso educativo, e reconhecer o mérito;
- Promover a cidadania ativa;
- Desenvolver a capacidade de pensar, a criatividade e o sentido estético;
- Consolidar a identidade do Agrupamento;
- Privilegiar a aproximação entre a Comunidade e o Agrupamento.

Com base nestes objetivos estabelecem suportes estruturantes que permitam a sua implementação, são eles o Regulamento interno, o Plano Anual de Atividades, o Projeto

Curricular do Agrupamento e o Projeto de Turma, estes são elementos de grande importância para o desenvolvimento do plano de Ação.

A educadora orienta a sua prática educativa sem seguir um método específico, recorrendo deste modo, a diversos.

A sala está organizada por áreas de interesse, pelo que a dinâmica passa por trabalhar em pequenos grupos, as atividades propostas. As restantes crianças são distribuídas pelas áreas da sala, estando a assistente operacional a regular o seu bom funcionamento.

Trabalha com o grupo temas mensais de forma a permitir as reuniões no tapete com o grande grupo. Estes temas são trabalhados em espiral com propostas de atividades diferentes consoante o ritmo e o percurso individual de cada criança.

Ao longo do ano introduz instrumentos de trabalho como mapas de presenças, de tarefas, do tempo, de escolhas, entre outros.

Assim todo o trabalho desta educadora no ensino pré-escolar tem uma intenção pedagógica.

Partilhamos com os colegas através de diálogos, exposições de trabalhos nos placares existentes quer no interior da sala quer no corredor, faz-se também o registo fotográfico do maior número de atividades significativas, para que a família possa ter conhecimento de todo o trabalho feito.

Os mapas que estão na sala, são preenchidos pelas crianças, todos os dias.

Diariamente observo a hora da arrumação das áreas, onde geralmente se gera a confusão, a educadora, coloca música de modo a que se acalmem e comecem a organizar-

se para a saída. Posso considerar que o recurso à música é uma das suas estratégias para acalmar o grupo.

As estratégias encontradas para rentabilizar o ritmo de trabalho das crianças, foi a organização em pequenos grupos.

O Projeto de Turma baseia-se nas Orientações Curriculares, e vai ao encontro do Projeto Educativo, adequando-se ao mesmo.

O Projeto de Turma visa dar sequência a projetos anteriores e enquadrar temas que a educadora considere pertinentes para trabalhar junto do grupo que tem diante de si. Neste caso iremos dar continuidade aos projetos de leitura, ciência, natureza, reciclagem, entre outros.

Estes projetos contam com a parceria de algumas entidades, que juntamente com o agrupamento procuram dar uma melhor resposta educativa. Está entre essas entidades a Câmara Municipal de Sintra.

O Projeto de Turma é de uma forma geral constituído por:

- Funcionamento dos Jardins de Infância do Agrupamento;
- Horários do Jardim de Infância e da Componente de Apoio à Família;
- Caracterização e diagnóstico de turma;
- Atividades/Atividades extra curriculares;
- Avaliação do grupo;
- Considerações finais;
- Anexos.

Todos os itens expostos devem levar o educador a conhecer melhor o grupo com quem trabalha uma vez que o Projeto de Turma é elaborado no sentido do educador ir ao encontro das necessidades do grupo e de cada criança que o constitui.

A sala dois do Jardim-de-infância de Bolembre é habitada por um grupo heterogéneo de 25 crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, divididos por 17 meninos e 8 meninas.

O ambiente na sala é muito agitado na altura das brincadeiras livres. Havendo mais meninos que meninas as brincadeiras são mais físicas, no entanto a sala tem uma disposição no sentido de colmatar esta situação. Falando do ambiente educativo, este é calmo as crianças são recetivas às propostas e desafios colocados. Já existe uma rotina que é reconhecida e aceite pelo grupo em geral. Por se trata de um grupo heterogéneo, revelam diferentes níveis de desenvolvimento e comportamento.

Alguns destes elementos já frequentavam o jardim-de-infância no ano passado, estando por isso inteirados das regras a seguir, no entanto há crianças que mudaram de escola e tiveram de se adaptar à nova educadora, assistente operacional, colegas, e às regras da sala e outras entraram pela primeira vez para o jardim-de-infância.

É de salientar tanto a área da garagem como a do desenho livre, estes são sem dúvida os focos de interesse do grupo, bem como os animais que há na sala, revelam um grande gosto por animais sobretudo os animais marinhos.

As crianças organizam-se como um grupo, no entanto dentro deste grupo há subgrupos, onde as crianças se juntam por interesses em comum, mais meninas com meninas e meninos com meninos. De um modo geral e como o grupo é maioritariamente masculino as brincadeiras que observo são físicas, a resolução de conflitos por vezes

inicia-se com agressão, no entanto desculpam-se mutuamente com facilidade, há muitos elementos que procuram no adulto a referência e segurança, recorrendo ao mesmo para se certificarem que estão a agir da forma correta. Na dinâmica da sala o adulto apenas tenta mediar as escolhas das crianças, no sentido delas não fazerem sempre as mesmas escolhas, procurando que estas busquem novas experiências.

Alguns alunos, principalmente os de três anos, têm períodos curtos de atenção e concentração o que se reflete em atividades desenvolvidas na área de acolhimento, tais como, o saber estar sentado, ouvir uma história ou estabelecer diálogos, entre outros. De um modo geral é um grupo que tem pouca experiência ao nível do desenho, recorte, colorir, manuseamento de livros e outro tipo de atividades que vão aparecendo diariamente principalmente revelam pouco domínio da motricidade fina, requerendo desta forma um trabalho mais específico ao nível das várias áreas curriculares.

O grupo em idade pré-escolar é autónomo em relação à higiene e alimentação, embora nesta última situação exista uma criança que revela dificuldades na mastigação e no manuseamento da colher.

Ao nível da socialização, existe a necessidade de colocar estas crianças em contacto com atividades e rotinas que as façam sentir seguras, ajudando-as a integrarem-se e relacionarem-se, quer com os colegas quer com os adultos desenvolvendo formas de comunicação, reforçando a sua autoestima, indispensável ao saudável desenvolvimento da sua personalidade.

A organização do dia-a-dia das crianças está estruturado, as rotinas têm uma importância considerável no quotidiano das crianças.

Na parte da manhã, às 9 horas, o acolhimento é realizado no tapete, já por volta das 9 horas e 30 minutos são distribuídas as tarefas, seguidamente, iniciam as tarefas orientadas e às 10.30h, as crianças lancham nas mesas da sala e posteriormente vão para recreio no exterior, se o clima não permitir permanecem nas áreas da sala. De regresso à sala, e já às 11 horas e 30 minutos, as crianças iniciam a higiene e seguidamente o almoço, têm lugar às 12 horas e 15 minutos, sendo que o almoço é realizado no refeitório da escola juntamente com o 1º ciclo do ensino básico. Na parte da tarde, após o almoço, as crianças dirigem-se novamente ao recreio, ao que regressam à sala às 14 horas para terminar os trabalhos começados no período da manhã. A partir das 15 horas e 10 minutos as crianças participam na arrumação das áreas utilizadas por elas. Às 15.30h, termina o horário letivo, sendo que algumas crianças ficam na componente de apoio à família com prolongamento assegurado.

3. Motivação para o Estudo

Quando me foi dito que a Educadora com quem eu formaria equipa se encontrava em cadeira de rodas, os meus próprio preconceitos falaram mais alto, coloquei em causa se seria possível um Educador nestas condições acompanhar o grupo da mesma forma, que os Educadores sem qualquer condicionante física. Quando a Ana (nome fictício) me foi apresentada, conquistou-me com a sua humildade, e não há nada como tentar, libertei-me dos meus preconceitos e comecei a vê-la de igual para igual, não foi de um dia para o outro, foi algo que fui construindo com o companheirismo que fomos criando entre as duas. Sendo uma equipa, e tendo em conta a ética profissional que nos acompanha, mesmo com todos os preconceitos iniciais, a minha função era esclarecer e acalmar os pais, transmitindo a segurança que necessitavam.

Quando no primeiro dia que a sala abriu verifiquei que existiam mais adultos que crianças em sala, desde a diretora do agrupamento à coordenadora doa Jardins-de-infância do mesmo, compreendi que também elas tinham reservas em relação à condicionante da educadora, se isso foi transmitido às crianças e sua família não poderei responder, mas eu fiquei assustada com o alarido em torno desta situação. Foi aqui que nasceu a minha curiosidade por este tema, comecei então a observar todas as reações que iam surgindo ao longo do tempo, desde a forma como a Educadora adaptava as suas práticas ao modo como as crianças lidam com a sua condição. Questionava-me muitas vezes se as crianças tinham certas atitudes em determinados pontos estratégicos da sala por saberem que a Educadora não os alcançaria com a mesma facilidade que uma pessoa com mobilidade normal, se a própria Educadora não opta por trabalhos mais práticos por se sentir menos à vontade dada a sua condição, em suma fui vendo crescer dentro de mim esta temática e a vontade de investigar e ver questões respondidas.

Sabia que teria um trabalho complicado em mãos pois ao nível teórico muito se fala das necessidades educativas especiais, da deficiência mas regra geral só e apenas no que se refere a crianças. No que se confere ao adulto pouco ou nada há escrito, no entanto, isso aumentou mais a minha vontade de aprofundar o tema e de encontrar respostas às questões que coram crescendo na minha cabeça.

Esta educadora, as crianças, os pais, toda a comunidade educativa, tiveram reações tão distintas, que obviamente eu queria saber o pensamento principalmente dos pais, crianças e educadora. Como será que cada um se sentiu perante esta realidade, ou aceitou a mesma, eu senti logo a necessidade de compreender tudo isto e vi nesta realidade um bom tema a explorar.

4. Problema e Questões de Investigação

Após referir tudo isto posso dizer que o meu objetivo de estudo é ver respondidas as questões que me coloco:

- Qual é a legislação e as linhas orientadoras que apoiam o exercício profissional de pessoa com deficiência?
- Como foi a integração da Educadora?
- Como é que a Educadora adapta a sua prática face à limitação?

5. Organização do Relatório

O trabalho que se apresenta é constituído pela presente Introdução seguida dos seguintes capítulos:

- Capítulo Um, intitulado Enquadramento Teórico, sustentado por documentos/teoria organizado em cinco unidades estruturais; legislação e medidas, diferença, inclusão, emprego e as práticas do educador de infância.
- De seguida o capítulo dois designado por metodologia, onde explicarei a metodologia utilizada, as características do estudo, as técnicas de recolha de dados, ou seja, notas de campo e o inquérito por questionário.
- No capítulo três constam os resultados da investigação, a análise das notas de campo e a análise dos inquéritos por questionário aplicados aos pais/encarregados de educação e à educadora Ana.
- Por fim no capítulo quatro, encontram-se as considerações finais, onde apresentarei as conclusões de estudo e os constrangimentos, terminando este relatório com as

referências bibliográficas. Em anexo serão colocadas as notas de campo recolhidas e os inquéritos por questionário realizados.

CAPITULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Legislação e Medidas

Este ano a educadora da sala onde me encontro a estagiar é portadora de deficiência motora e, tal como me disse e apesar de apenas ter cinco anos de serviço, ficou sempre colocada nos quadros do Ministério da Educação, mesmo vendo tantos colegas seus com mais anos de serviço a ficarem excluídos no concurso que menciono. Tudo isto deve-se à sua deficiência por existirem leis que protegem estas pessoas garantindo que sejam integradas nos locais de trabalho sem serem prejudicadas pela doença com que vivem diariamente. A primeira preocupação deste capítulo de enquadramento teórico é atender a quanto está legalmente definido para a integração de portadoras de deficiência (motora ou outra) no mercado de trabalho em geral e para a docência em particular.

“Entende-se por «pessoa deficiente» aquela que, por motivos de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de funções ou de estruturas do corpo, incluindo as funções psicológicas, apresente dificuldades específicas suscetíveis de, em conjugação com os fatores do meio, lhe limitar ou dificultar a atividade e participação em condições de igualdade com as demais pessoas” (decreto-lei n.º 93/2009, capítulo 1, artigo 4º). Neste sentido:

- Visto que a educadora com quem trabalho ter uma perda permanente dos movimentos dos seus membros inferiores, podemos inferir que se encontra abrangida por este decreto-lei, sendo considerada uma pessoa portadora de deficiência.

- Sendo obrigatória a contratação de pessoas portadoras de deficiência, independentemente do tipo de deficiência, encontra-se justificada a causa de ter passado à frente de colegas com mais anos de serviço, a quando do concurso nacional de professores/educadores.

Se for ver a legislação aplicável à função pública nesta encontra-se contemplado, vindo reforçar tudo o que já frisei até aqui, ao referir que “o acesso à função pública é um direito que assiste a todos os cidadãos, em condições de igualdade e liberdade, sendo que os portadores de deficiência gozam dos mesmos direitos que os demais cidadãos ressalvando os que estão incapacitados” (Decreto-Lei 29/2001 de 3 de Fevereiro).

Este mesmo decreto-lei, no artigo 3º, alínea 1 vem reforçar que neste caso no concurso nacional que tem acima de dez postos de trabalho, fixa-se uma quota de cinco por cento do total de vagas existentes a serem preenchidas por pessoas portadoras de deficiência, havendo ainda o artigo 4º, alínea 1 que reforça esta ideia. A Ana deverá declarar sempre a sua incapacidade, bem como o seu tipo de deficiência tal como refere a alínea 1 do artigo 6º.

As leis que encontramos e que protegem de certa forma as pessoas portadoras de deficiência não são de agora, já existem desde 1989, tendo a lei 7.853 sido publicada a 24 de outubro de 1989.

Segundo a Constituição Portuguesa não são apenas os cidadãos a ter obrigações perante o estado, este também tem perante os seus cidadão e isso encontra-se mencionado nos princípios fundamentais do estado, onde se encontram as tarefas fundamentais do mesmo, podemos ler que o Estado deve “promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses (...)” (Constituição da Republica Portuguesa,

artigo 9º, alínea d). E é isso o que o Estado tem vindo a fazer ao longo da carreira profissional da Ana.

Poderemos perguntar-nos como é possível uma pessoa com mobilidade reduzida ter ao seu encargo 25 crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, como poderá ela assegurar a sua segurança, pois com toda a certeza os pais irão esperar que consiga estar presente em todos os contextos e todos nós sabemos que ainda há um longo caminho a percorrer a nível de infraestruturas bem como de acessos viáveis para pessoas em cadeiras de rodas, no entanto temos de confiar nas leis e no Estado que com toda a certeza tem contempladas todas estas questões.

- Pude ler que “os cidadãos portadores de deficiência física ou mental gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontrem incapacitados” (Constituição da Republica Portuguesa, artigo 71º, alínea 1).
- Isto vem responder às questões anteriores porque com toda a certeza se a Ana não tivesse todas as capacidades para estar em sala de jardim-de-infância isso não teria acontecido, tal como frisa a própria Constituição da Republica Portuguesa.

Agora ao debruçar-me sobre o Estatuto da Carreira Docente, procuro compreender que diretrizes existem no sentido de integrar a Ana nesta carreira, o que a defende e protege de eventuais injustiças, de possíveis dificuldades em ser integrada na comunidade educativa onde possa vir a exercer a sua profissão, profissão para a qual estudou e adquiriu competências tal como qualquer outra pessoa.

- O Estatuto da Carreira Docente “ (...) aplica-se aos docentes em exercício efetivo de funções nos estabelecimentos de educação ou de ensino públicos” (Estatuto da Carreira Docente, artigo 1º, alínea 1);
- O Estatuto reforça ainda tudo o que referi anteriormente ao dizer que se “(...) considera pessoal docente aquele que é portador de qualificação profissional, certificada pelo Ministério da Educação, para o desempenho de funções de educação ou de ensino com carácter permanente, sequencial e sistemático (Estatuto da Carreira Docente, artigo 2º, alínea 1).
- Encontrei neste Estatuto algo que me fala da robustez física, mas ao avançar verifiquei que a Ana mais uma vez se encontra abrangida e protegida por leis pensadas e já existentes. Bastou-me ler em concreto o seguinte: “a existência de deficiência física não é impedimento ao exercício de funções docentes se e enquanto for compatível com os requisitos exigíveis para o exercício de funções no grupo de docência do candidato ou do docente, nos termos de adequado atestado médico” (Estatuto da Carreira Docente, Artigo 22º, alínea 3).
- Leva-me assim a crer que a incapacidade física da Ana não a impede de exercer a sua função de Educadora de Infância, algo que prova diariamente no seu desempenho profissional.

2. Diferença

A palavra “diferença” no dicionário encontra-se definida como “qualidade de diferente; o que distingue uma coisa da outra. Dissemelhança, diversidade, disparidade, divergência. Alteração, modificação, transformação. Dissensão, desavença, disputa,

contestação. Resultado da subtração. Perda, prejuízo. Transtorno, desarranjo. Fazer diferença, não ser igual, distinguir-se, divergir. Causar transtorno, incomodo. Distinguir, discernir” (Machado, 1981, p.250).

É nesta diferença, neste não ser igual que refere o dicionário que diversas vezes nasce o preconceito, algo tão típico no adulto e muitas vezes inculcado nas crianças, que geralmente nascem livres de preconceitos. Só aceitando a diferença, só despidos de todos os preconceitos é possível entrarmos no mundo da inclusão.

- “As interações dos pais com os filhos são influenciadas por uma multiplicidade de fatores sobrepostos, entre eles o comportamento e características dos filhos, os juízos dos pais sobre os objetivos da socialização, as convicções, valores e modelos internos de funcionamento (...)” (Hoden, 1983; Holden & West, 1989, citado por, Stevens J., Hough R. e Nurss J., 2010, p.761)
- Acima de tudo isto a base da educação é o amor, é este que tudo rege e que permite ao ser humano ser como é aceitando o outro e a si mesmo “as crianças que estão seguras do amor dos pais têm mais probabilidades de vir a ser indivíduos adaptados e com maior maturidade” (Stevens J., Hough R. e Nurss J., 2010, p.764). É este amor, esta maturidade que permite ao grupo de crianças aceitar a educadora que têm tal como ela é.

3. Inclusão

O conceito de Inclusão, assim como o conceito de Liberdade, é intangível, por vezes indefinível, sujeito a diversas interpretações. Apesar do espectro de ideias apresentadas sob a capa de inclusão, alguns dos aspetos essenciais deste conceito gozam geralmente de total

concordância, tais como, a própria cultura da escola, as crenças prevalecentes e as atitudes adotadas pelos educadores.

A Educação Especial tem por objetivo a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego de crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente.

A Declaração de Salamanca inspira-se no Princípio da Inclusão, de forma a alcançar uma “Escola para todos - instituições que incluam todas as pessoas, aceitem as diferenças, apoiem a aprendizagem e respondam às necessidades individuais. As escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; para além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo.” (Declaração de Salamanca, 1994).

Integração e Inclusão são dois aspetos distintos, sendo a Integração um processo através do qual as crianças consideradas com Necessidades Educativas Especiais são apoiadas individualmente, de forma a poderem participar no programa vigente – e inalterado – da escola. Por sua vez, na Inclusão existe um empenhamento da escola em receber todas as crianças, reestruturando-se de forma a poder dar resposta adequada à diversidade de alunos. O que também é aplicável ao adulto, neste caso à Ana onde se espera que seja incluída no meio escolar existindo um ajustamento da própria escola às suas condições físicas, e não o contrário.

Uma nova perspectiva sobre a forma de encarar a diferença constitui o fator mais relevante na evolução de conceitos e práticas que conduzem ao princípio da escola inclusiva.

As definições acima referidas estão intimamente relacionada com a exclusão social, pois a sociedade tem em si enraizadas tradições e ideias preconcebidas que passam de geração em geração. Neste sentido a aceitação da pessoa deficiente na vida social tem vivido avanços e recuos constantes.

As medidas que têm vindo a ser tomadas ao nível Nacional e Europeu por parte dos governantes têm levado sem dúvida que a igualdade e a inclusão se façam sentir. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer. Só respeitando todas as leis que tem vindo a entrar em vigor, só aceitando que cada dia a diversidade humana é maior, (devido à globalização) que cada um de nós é singular e único, realmente entramos num “processo que respeita e valoriza a diferença e (em que) todos têm um papel a desempenhar na sociedade” (Candeias, 2009, p.10).

4. Emprego

Tendo em conta tudo o que já referi desde leis à necessidade de inclusão neste caso específico, das pessoas portadoras de deficiência, a literatura consultada indicia que a percentagem de empregos disponível ainda se encontra muito aquém da desejada uma vez que a diferença entre o acesso ao emprego entre pessoas ditas diferentes e pessoas ditas normais ainda é algo bem visível, a própria Organização da Nações Unidas o refere.

Para Pereira (2006) a nossa sociedade ainda tem um longo percurso a percorrer apesar de todos os esforços que já se têm vindo a sentir, pois tanto ao nível das oportunidades nas

áreas da educação como do trabalho as pessoas portadoras de deficiência ainda veem os seus direitos desiguais dos restantes membros da sociedade.

Existem as leis, mas, no entanto, os recursos para comprovar que estas são tidas em conta ainda é muito precoce, podendo-se dizer que a pessoa portadora de deficiência conquistou os seus direitos mas ainda não alcançou a mudança da própria sociedade bem como das mentalidades dos elementos que a integram.

“As pessoas deficientes têm os mesmos direitos que qualquer cidadão, mas no quotidiano de cada uma nenhuma lei ou imposição pode assegurar o respeito à diferença: é uma questão de atitudes, de mentalidades, de interesses e de relações de forças.” (Québec, 1984, apud IBDD, 2004, p.35, apud RAPOSO, 2013, p.35).

No fundo temos um governo que cria leis que podem não estar a ser respeitadas até porque o próprio alimenta as mentalidades que ainda se sentem nos dias de hoje ao dar subsídios de subsistência às pessoas com deficiência como se dessa forma fosse possível colmatar a desigualdade sentida pelos mesmos. “A pessoa portadora de deficiência para o trabalho é aquela cuja possibilidade de conseguir, permanecer e progredir no emprego é substancialmente limitada em decorrência de uma reconhecida desvantagem física ou mental” (Pastore, 2000, p.39 apud RAPOSO, 2013, p. 29).

Cada dia é mais urgente colocar as pessoas com deficiência que muitas vezes vivem de forma precária e inativa, ocupadas dar-lhes o valor que merecem, procurar que dentro da sua limitação contribuam para a sociedade, tornado a sociedade inclusiva acabando de vez com a exclusão social. A Associação Salvador refere que “Há muitas pessoas que vivem em situações precárias por falta de meios que lhes permitam seguir com a sua vida e

que barram a sua integração e liberdade, vendo-se obrigados a ficar quase permanentemente fechadas em casa.” (citado por Raposo, 2013, p. 29).

5. As Práticas do Educador de Infância

Ao verificar todas as evoluções da sociedade bem como para as mudanças sociais, políticas, económicas, científicas e tecnológicas, com toda a certeza, a própria educação evoluiu e mudou juntamente com a atualidade. Por ter vindo a observar a educação é diversas vezes discriminada, desvalorizada pelos nossos ministros, que com as constantes mudanças de currículo, cortes orçamentais e os “ataques” múltiplos à carreira docente bem como à formação de professores revelam a pouca valorização da profissão e o resultado é visível nos media.

Segundo Roca (2006) os Educadores de Infância tem vindo a perder a credibilidade não apenas perante pais e alunos mas também perante a comunidade educativa e conseqüentemente a sociedade em geral, no entanto, é-lhes cada vez mais exigida formação e atualização de conhecimentos, uma vez que não se pode separar a teoria da prática em si, tal como defendem Candau e Lellis “A teoria e a prática educativas (...) são consideradas núcleo articulador da formação do educador, na medida em que os dois polos devem ser trabalhados simultaneamente, constituindo uma unidade indissolúvel” (Candau e Lellis, apud Candau 2002, p.67 apud ROCA, 2006, p.3).

A sociedade tem evoluído a uma velocidade relâmpago, os media e as novas tecnologias colocaram-nos frente a frente com outros povos e novas culturas, sendo a globalização inevitável, cada vez mais nos apropriamos do que não é nosso havendo um estrangeirismo crescente. Somos um povo que tem muita facilidade em se adaptar algo

notável ao longo de toda a História de Portugal, no entanto, tudo o que refiro deixa os Educadores de Infância no papel ingrato de desmistificação de toda a informação que invade as nossas casas diariamente quer seja via rádio, televisão ou Internet. Informação, essa muitas vezes incompreendida ou compreendida da forma menos ajustada, cabe assim aos Educadores desenvolver desde muito cedo o espírito crítico das crianças no sentido destas saberem bem aquilo que querem e que mais lhes convém para um futuro saudável, em suma é necessário dar-lhes as ferramentas para saber dizer não ao que lhes prejudica.

Com tudo isto quero também dizer que a escola deixou de ser apenas transmissora de conhecimento, sendo hoje o local onde se transmite valores de modo a haver uma construção pessoal sem nunca esquecer a dimensão humana, criando deste modo cidadãos livres e felizes na sua individualidade. Deste modo a formação de professores não pode ficar apenas pela teoria, há que formar Educadores de Infância com valores bem enraizados, tendo em conta a sua individualidade, os seus valores e sentimentos, equilibrando o profissional com o pessoal e social, tal como Sá-Chaves (2001) havia referido.

É importante olhar não apenas à quantidade mas também à qualidade dos docentes, que para se preocuparem com cada um dos seus alunos tendo em conta os seus sentimentos, preocupações, frustrações, etc., não vêm isso classificado na sua avaliação de desempenho uma vez que isso não é de forma alguma avaliável.

Ao aceitarmos que aprendemos uns com os outros, aceitamos que somos seres em constante construção, que se questionam constantemente, a meu ver uma escola deverá ser assim, uma escola que busca o bem-estar de toda a sua comunidade educativa, procurando o que melhor se ajusta à identidade de quem a constitui, olhando desta forma o ser humano em todas as suas dimensões. Será portanto isto que permitirá à escola abrir as suas portas

às mudanças e inovações de que tenho vindo a falar até aqui, transformando-se ao mesmo ritmo da sociedade em geral, e desta forma acompanhando o seu desenvolvimento dando resposta às suas necessidades, isto sem nunca perder a sua essência uma vez que deverá refletir sobre cada passo dado. Em suma “ (...) se queremos mudar a escola, devemos assumi-la como organismo vivo, dinâmico, capaz de atuar em situações, de interagir e desenvolver-se ecologicamente e de aprender a construir o conhecimento sobre si própria nesse processo” (Alarcão, 2001, p.27 apud ROCA, 2006, p.6).

Ser Educador de Infância é algo que não se aprende apenas na faculdade no meio dos livros, ser Educador de Infância implica uma construção, um caminho cheio de questões e inquietações, uma luta constante entre o que sou ao nível pessoal e o que quero ser ao nível profissional. Não me posso dissociar de quem sou, dos valores em que acredito, não posso deixar de lado todos os ensinamentos que tive ao longo da minha vida.

O Educador de Infância deve colocar-se em causa, questionar-se procurar em si que valores, que ensinamentos pessoais quer dar aos seus alunos, com certeza quererá dar o melhor de si e tudo o que o fez feliz ao longo da vida, ou seja, tudo o que de mais valioso arrecadou no seu próprio ser desde que nasceu.

Por tudo isso eu acredito que um Educador de Infância se vai auto construindo ao longo de toda a sua carreira reformulando-se constantemente, é por assim dizer a fusão do EU pessoal com o profissional, ou seja, quem sou junto com tudo o que aprendi ao longo da vida académica.

Os Educadores de Infância têm vindo a sentir-se abandonados pelos nossos governantes, sentem-se sozinhos numa luta por uma educação válida que neste momento não tem recursos, meios ou apoios para tomar o rumo que seria o desejado, cada dia é

maior o sentimento de uma luta isolada, de um remar contra a maré, cada vez mais o sentimento de impotência é algo crescente para que hoje exerce a carreira docente em Portugal.

Termino frisando uma educadora que num depoimento informal desenha para mim com apenas uma frase o sentimento dos Educadores de Infância face ao que se vive nos dias de hoje. “O educador de infância em Portugal tem o papel de pais, família, educador, alguém compreensivo, carinhoso, possuindo também o papel de observador, avaliar, planejar, ajudar, formar... enfim um educador é tudo o que se possa imaginar, possuindo todos e quaisquer papéis” (Rosângela, 2006, p.10 apud ROCA, 2006, p.10).

Só após caminhar para a valorização da educação os Educadores poderão encontrar o que o levou a forma-se em educação, reacendendo novamente o amor que está na arte desta profissão. Para que tudo isto seja possível é inevitável ouvir os professores, são eles quem mais podem ajudar no sentido de um sistema de ensino valorizado em toda a sua plenitude.

- Ser Educador de Infância é então algo muito singular, cada um deve ser o profissional e a pessoa que não traia sua essência, ou seja, trabalhar sempre no sentido de se sentir livre e feliz.
- Ser Educador de Infância numa cadeira de rodas com certeza é ser um educador igual a todos os outros, com convicções e ambições que o movem num sentido e não noutro, ou seja, é ser único e individual tal como em tudo na vida.

CAPITULO 2

METODOLOGIA

Este trabalho teve como ponto de partida a sua própria temática “Práticas do Educador de Infância Portador de Deficiência”, de onde surgiram três questões que me levaram a realizar uma pesquisa qualitativa, descritiva e compreensiva, realizando posteriormente uma análise e interpretação da realidade observada, de forma a responder as questões a que me refiro.

1. Metodologia Qualitativa

“Qualitativo significa que o seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana” (Stake, 2011, p.21).

Pesquisa num contexto real é “um esforço sistemático e organizado para investigar um problema específico que precisa de solução” (Sekaran, 2007, p.4 citado por Gray, 2012, p.10).

Segundo Creswell (2010) a Pesquisa qualitativa é uma recolha apresentada em texto ou imagens, em que todos os dados recolhidos são tratados ao pormenor, e em que qualquer detalhe da observação é tido em conta, nunca sendo visto como algo irrelevante. Neste género de investigação é importante estar no terreno e descrever tudo o que observo, numa atitude interrogativa, desejando esclarecer todas as dúvidas. Finalmente, ao interpretar o que observo, ao tirar as minhas ilações tenho de ser minuciosa no sentido de minimizar falhas na minha própria interpretação, tal como refere Stake (2011).

Neste sentido ao longo deste trabalho além da pesquisa teórica, da elaboração do meu enquadramento teórico para melhor compreender a realidade a que me dispus aprofundar conhecimentos, passei a estar no meu local de estágio com um olhar mais abrangente. Mas para além disto tive de me despir de todos os meus preconceitos para poder escrever apenas o que via diante de mim, não colocando observações pessoais, não retirando conclusões sem fundamento, mas questionando-me, é isto que um investigador faz e é isto que a metodologia me exige.

“A pesquisa qualitativa é, muitas vezes, definida como pesquisa interpretativa. Todas as pesquisas exigem interpretações e, na realidade, o comportamento humano exige interpretações a cada minuto. Mas a pesquisa interpretativa é a investigação que depende muito da definição e da redefinição dos observadores sobre os significados daquilo que veem e ouvem” (Stake, 2011, p.46).

O investigador recolhe material fiável e sistemático relacionado com aspetos específicos da realidade social, com o intuito de originar e inter-relacionar conceitos que lhe permitam compreender essa realidade (Afonso, 2005).

A função do pesquisador qualitativo, é adquirir uma visão profunda, intensa e holista do contexto que deseja investigar, tendo em conta a interação alcançada entre os participantes, desta forma considera-se esta abordagem naturalista, por estudar os participantes nos seus contextos naturais. Esta pesquisa é contextual, na medida em que o pesquisador recolhe dados no contexto natural ao longo de um período de tempo (Gray, 2012).

A pesquisa qualitativa é rica na descrição de ações pessoais e ambientes complexas, e, pela integridade do pensamento, existindo diversas formas de pensamento. Seguindo este

raciocínio, o estudo qualitativo é, conseqüentemente, interpretativo, por destacar os valores e as experiências humanas, centrando-se nos significados das relações humanas a partir de pontos de vista diferentes.

- O investigador quando se encontra no terreno tem de ser recetivo para reconhecer vários acontecimentos, mesmo que inesperados, sendo que os resultados obtidos surgem da interação do investigador com os sujeitos em questão.
- É experimental, por se basear na experiência que o investigador vive no terreno, o investigador dá mais importância ao que os participantes veem, do ao que sentem, havendo um esforço do investigador para não interferir nem manipular, no que diz respeito à obtenção dos dados.
- É situacional, pois este tipo de estudo é realizado em locais ou contextos designados pelo investigador; este estudo tem mais características holísticas do que elementaristas, os contextos são descritos em detalhes pelo investigador; é personalístico, pois o investigador realiza o seu estudo com o objetivo de compreender as percepções individuais, deste modo, dá ênfase à singularidade e privilegia a diversidade; as questões retratadas no processo de investigação, normalmente surgem dos participantes e não do investigador, por fim, os pesquisadores são éticos e são eles o principal instrumento de pesquisa (Stake, 2011).

Para eu poder realizar este trabalho tive de conviver com a Ana, viver experiências junto com ela e o seu grupo de crianças, ouvir os seus pensamentos, ver as relações estabelecidas, no fundo, fiz e faço parte integrante deste grupo e neste sentido nunca fui vista como um intruso, um elemento estranho o que obviamente facilitou a minha pesquisa

e todas as observações que fiz, pois sei que todos os meus observados foram sempre eles próprios.

A investigação qualitativa tem cinco características fundamentais:

1. O ambiente natural é a onde se recolhe os dados, o investigador é o principal agente dessa recolha de dados.
2. Os dados recolhidos pelo investigador são na sua maioria de carácter descritivo, sendo representados sob forma de palavras e imagens, dos resultados escritos da investigação constam, citações, transcrições de entrevistas e notas de campo, entre outros.
3. O investigador que utiliza a metodologia qualitativa interessa-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados, dando maior ênfase ao processo da investigação.
4. A análise de dados é feita de forma indutiva, sendo que o investigador não recolhe dados com o objetivo de confirmar hipóteses previamente construídas.
5. Na investigação qualitativa o investigador interessa-se, principalmente, por compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências. (Bogdan & Biklen,1994).

2. Técnicas de Recolha

Para poder realizar esta investigação tive de utilizar duas técnicas de recolha de dados, a observação, que inclui as notas de campo, e, o inquérito por questionário aplicado a pais/encarregados de educação e à Educadora de Infância da sala 2 do JI de Bolembre.

O maior problema do investigador principalmente não é o de saber como vai recolher os dados, mas sim o de imaginar o que fazer com os dados que obteve.

Num trabalho empírico recolhe-se informação tendo em conta três critérios, o critério de fidedignidade diz respeito ao valor verdadeiro dos dados recolhidos, isto é, garante que os dados obtidos não são dados inventados ou destorcidos. Outro dos critérios refere-se à validade dos dados no contexto inserido, ou seja, diz respeito à relevância da informação obtida para o fim que se pretende alcançar.

Por ultimo, o critério da representatividade consiste em garantir que quer os sujeitos envolvidos, quer os contextos selecionados exibem o que a pesquisa pretende (Wolcott, 1994, p. 9, citado por Afonso, 2005).

2.1. Observação

Os pesquisadores qualitativos encontram-se o meio natural dos seus observados, podendo ser observadores participante, ou seja, envolverem-se com o meio onde se inseriram, o optarem por serem observadores não participantes, isto é, mantendo-se à margem desse mesmo contexto, observando à distância. Estes pesquisadores não se cingem apenas a uma forma de recolha de dados, optando por reunir diversos, tais como, notas de campo, entrevistas, documentos, entre outros (Creswell, 2010).

No meu caso tal como já referi anteriormente, eu sou um elemento do grupo que observei, tendo uma relação bastante próxima da educadora em causa, o que a meu ver me facilitou a observação. Apesar de tudo isto sempre que queria elaborar uma nota de campo, procurei não ser participante, porque me facilitava a observação ao viver a situação de um ponto mais distante. As entrevistas permitem-me ter uma visão mais global da temática

que abordo, no sentido em que me dá a opinião direta dos pais e da educadora de infância, permitindo-os falar na primeira pessoa.

Observação “não é simplesmente uma questão de olhar algo e depois anotar “fatos”. Ela é um processo complexo que combina sensação (vista, som, toque, cheiro e até mesmo gosto) e percepção” (Gray, 2012, p.320).

“A observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e questionários” (Afonso, 2005, p.91).

O investigador com esta técnica poderá atingir “o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (Máximo-Esteves, 2008, p.87).

Segundo Afonso (2005) existe a observação estruturada onde o pesquisador recorre a grelhas de observação ou fichas, onde se registam informações previamente codificadas, facilmente quantificável. Também existe a observação não estruturada onde podem ser elaboradas notas de campo, relatórios de campo que são textos reflexivos das notas de campo e diário de campo onde se regista tudo o que se vive diariamente no local de observação.

No caso do meu trabalho eu recorri sempre à observação não estruturada, elaborando notas de campo, registando muito do vivenciado no meu local de observação.

Cozby (1989,citado por, Afonso, 2005) refere ainda que na observação não estruturada, o investigador insere-se no contexto dos seus observados, vivendo com os mesmos experiencias, tornando-se muitas vezes um novo membro do grupo.

Strauss (1987, citado por Afonso, 2005, p.93) refere que “Finalmente nas estratégias de investigação em que a observação não estruturada constitui a principal técnica de

recolha de informação, torna-se particularmente relevante a elaboração periódica de memorandos teóricos”. “Estes registos destinam-se a apoiar o desenvolvimento e validação de hipóteses explicativas do material recolhido, estruturando o trabalho interpretativo que acompanha necessariamente o quotidiano da observação” (Afonso, 2005, p. 93).

Segundo Afonso (2005) a principal fragilidade ao utilizar a observação como uma técnica de recolha de dados, prende-se com a falta de rigor dos registos produzidos. Pertti e Gretel Pelto (1987, citados por Afonso, 2005, p.94) frisam a importância do rigor que as notas de campo devem apresentar, devendo ser concretas e não vagas, dando uma maior importância ao observado e não a interpretações pessoais, ou a inferências que derivam da observação em causa.

Nas minhas notas de campo nunca fui participante tal como já frisei para não perder esta objetividade referida.

2.1.1. Notas de Campo

Para Gray (2012), as notas de campo são muito importante na observação, sendo estas bastante utilizadas, pelo pesquisador poderá ter algumas dificuldades ao elaborá-las detalhadamente, assim, para que sejam o mais fidedignas possíveis, o registo deve ser realizado no momento imediatamente posterior ao acontecimento, para que não haja perda de todos os detalhes.

Ter de elaborar notas de campo quase instantaneamente após a observação, foi para mim uma tarefa muito difícil, pois eu era um membro do grupo logo esta tarefa torna-se mais complexa, muitas vezes tive de recorrer à memória para o fazer, e neste sentido, a

meu ver torna-se importante realmente realizar logo a seguir ao vivenciando para não haver o risco de perder informações importantes.

Na observação, o pesquisador recolhe as suas notas de campo baseando-se na atividade, ação, atitudes dos observados, para desta forma poder levar a cabo o estudo a que se propôs. Mas tal como qualquer outra técnica existem vantagens e desvantagens dentro da mesma. Existem quatro fatores que indicam as vantagens da observação, começando com o facto, do pesquisador vivenciar na primeira pessoa experiências dos seus observados, pode registar quase automaticamente aquilo que vê e ouve, deteta aspetos não usuais durante a sua observação, por fim, a observação pode ser útil para explorar assuntos que são desconfortáveis para os participantes. As desvantagens prendem-se também com quatro fatores, o observador pode ser visto pelos participantes como um intruso, pode não ter em conta a privacidade dos observados e relatar algo que não deve, pode não apresentar aptidões necessárias para esta técnica, e em último caso pode não entrar em harmonia com os observados. (Creswell, 2007).

Ao ler sobre as vantagens e desvantagens desta técnica apenas posso referir o meu medo de relatar algo que seja pessoal e que eu não tenha a sensibilidade para compreender.

2.1.2. Inquérito Por Questionário

Um questionário é um conjunto de questões apresentadas sob a forma de escrita, geralmente todas iguais para todos os respondentes, neste sentido, é permitido posteriormente analisar o número de respostas iguais ou distintas. A vantagem do questionário é que pode ser aplicado a um número grande de pessoas, depois o

entrevistador transforma os dados obtidos em dados pré-formatados, tal como já referi (Stake, 2011).

Guilham (2000, citado por Gray, 2012, p.275), refere que os questionários são um método muito utilizado por apresentarem algumas vantagens, por existir facilidade de enviar a um número elevado de pessoas, alcançando uma amostra considerável, podem ser respondidos no local que o respondente desejar, a análise das perguntas fechadas é simples e poderão ser condicionadas facilmente, por último o anonimato das respostas. Mas tal como outra técnica esta também tem as suas condicionantes logo as suas desvantagens, isto segundo este mesmo autor, quando o questionário é demasiado longo há um desligamento do entrevistado, podendo cair as suas respostas no obvio tornando as mesmas pouco fidedignas, ao não ser cara a cara o entrevistador nunca saberá a veracidade das respostas.

Tendo eu em conta que um questionário longo poderia levar os respondentes a responder ao acaso, elaborei um questionário curto, que pudessem responder facilmente e de forma rápida.

Os questionários por inquérito poderão conter perguntas abertas ou perguntas fechadas, sendo que cada uma delas apresenta um lado positivo e outro negativo. Nas perguntas abertas se por um lado se pode obter respostas surpreendentes, por outro a análise das mesmas torna-se bem mais complexa. Já nas perguntas fechadas a análise torna-se simples no entanto as respostas perdem a originalidade (Gray, 2012).

Optei por elaborar um questionário apenas com questões fechadas precisamente por ser de fácil análise, mas também por poder realiza-lo a uma amostra maior de respondentes, no entanto, para obter respostas mais fidedignas optei por um outro

questionário de perguntas abertas, a um número reduzido de respondentes. Este último questionário a meu ver irá permitir-me verificar a veracidade das respostas dadas no primeiro, visto este número reduzido de pessoas pertencer à amostra inicial, e, as perguntas irem ao encontro das realizadas no questionário inicial.

“Uma forma de melhorar a taxa de respostas a um questionário é torná-las o mais atrativo possível” (Gray, 2012, p.287).

Tal como diz Afonso (2005) o questionário poderá ser aplicado pessoalmente, ou enviado por correio, internet, ser entregue pessoalmente pelo entrevistador ou por um mensageiro do mesmo, neste sentido, há que ter em conta que o entrevistador deixa de ter um grande controlo sobre os questionários em causa. Os meus questionários foram sempre entregues por mim o que me permitiu ter um maior controlo sobre os mesmos.

“Por isso ganham especial relevo as explicações de preenchimento dos respondentes, e, quando caso disso, também para os aplicadores (por exemplo para professores que vão aplicar os questionários nas respetivas turmas, a pedido do investigador)” (Afonso, 2005, p.106).

3. Análise e Interpretação de Informação Qualitativa

A “análise qualitativa é (ou deve ser) um processo rigoroso e lógico por meio do qual se atribui sentido aos dados” (Gray, 2012, p. 399).

A análise de dados tem como base um processo de busca e de organização sistemático de transcrição de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo recolhidos, tendo como objetivo a compreensão dos mesmos por parte do investigador, assim como a sua apresentação aos outros. A análise envolve todo um processo de trabalho

com os próprios dados, nomeadamente a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido, bem como a deliberação acerca do que irá ser transmitido aos outros.

Tendo em conta isso mesmo, o próximo capítulo, permitir-me-á fazer uma análise dos questionários elaborados, dando-me margem de manobra para tentar compreender aquilo que os meus entrevistados pretenderam realmente transmitir-me ao responder de um modo e não de outro.

Segundo Wolcott (1994, citado por Afonso, 2005, p. 111) a fase inicial do estudo investigativo empírico é constituída pela recolha de dados. O que decorre desta fase inicial consta na concretização do objetivo ou seja, na produção de conhecimento científico, através da organização e tratamento desses mesmos dados. Este mesmo autor afirma que o maior problema do investigador principalmente não é o de saber como vai recolher os dados, mas sim o de imaginar o que fazer com os dados que obteve. A tarefa de interpretar e de fazer perceptíveis os dados recolhidos, parece ser gigantesco a quem num primeiro projeto de investigação se envolve.

O processo de análise e interpretação de dados “envolve preparar os dados para a análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento dos dados, fazer representação dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados”. É um processo que exige permanente reflexão sobre os dados recolhidos, e, desenvolve-se uma análise das informações fornecidas pelos participantes, implicando formular questões abertas e realizar anotações durante todo o estudo (Creswell, 2007, p. 194).

O tratamento da informação qualitativa é um processo ambíguo, moroso e reflexivo, elaborado numa lógica de crescimento e aperfeiçoamento. A formatação do dispositivo constrói-se e consolida-se à medida que os dados recolhidos vão sendo organizados e trabalhados. O material recolhido pelo investigador, o material empírico qualitativo (documentos, notas de campo, respostas a questionários,...) deve ser explorado e trabalhado com o intuito de dar resposta aos objetivos da pesquisa. Com o decorrer da análise do material empírico qualitativo, o investigador vai elaborar um texto que consiste numa construção interpretativa singular, que é fruto do contato entre o contexto observado e o olhar do investigador (Afonso, 2005).

Ao iniciar este trabalho tive de primeiramente escolher o tema em que me sentisse motivada, com vontade de investigar, nesse sentido fui para o terreno observar, retirar notas de campo, aprender vivenciando, fazendo parte de experiências únicas, só desta forma me foi possível querer saber mais e ir procurar informações teóricas que sustentassem esta temática.

Strauss & Corbin (1998, citado por Afonso, 2005) propõem três abordagens à construção interpretativa, a descrição, estruturação conceptual e teorização. A descrição é o primeiro passo que o investigador realiza para atingir o processo interpretativo. Consiste na elaboração de um texto escrito para descrever uma situação que o investigador presenciou, teve conhecimento ou apenas sentiu, neste último caso, poderá ser uma emoção ou um sentimento. A estrutura conceptual situa-se num patamar intermédio na construção do processo interpretativo, sendo definida como organização da informação recolhida em categorias específicas, de acordo com os vários critérios que o investigador ache pertinente ou necessário. Após os dados estarem organizados, será mais simples para o investigador realizar o seu texto descritivo com maior profundidade analítica. O último

plano da construção interpretativa é a teorização, que consiste em consolidar a teoria em construção, através de considerações de implicação do esquema, organização de trabalho empírico e o confronto entre a informação que o investigador já tem e a nova informação que surge.

Para ver as minhas questões respondidas, tive de ir em busca de algo que me permitisse evoluir enquanto investigador, procurar no outro respostas é sem duvida fundamental, os questionários permitem-me ir mais além, pois dão-me a noção de uma realidade vivida e sentida pelos protagonistas.

Para que todo o processo de trabalho do investigador tenha uma melhor consolidação, deverá seguir, um plano de gestão operacional de dados qualitativos, segundo os autores Catherine Marshall e Gretchen Rossman (1999, citados por, Afonso, 2005, p. 120) o seguinte plano identifica-se em diferentes etapas. Primeiramente caracteriza-se pela organização de dados recolhidos, tendo em conta se todo o material está de acordo com a sua pesquisa para tal, o investigador irá ler diversas vezes tudo o que recolheu, de modo a orientá-lo para facilitar a sua consulta, posteriormente irá fazer um índice, e todo o conteúdo estará paginado. Neste processo o investigador pode também adotar material empírico, irá sentir-se familiarizado com toda a informação, recorrendo à memória para as situações vivenciadas por si, e deste modo criar uma estrutura mental, passando para outra etapa do plano de gestão operacional de dados qualitativos.

Segundo os mesmos autores, esta etapa, é designada de processo interpretativo, ou seja, à produção de categorias, temas e padrões. Nesta fase, constrói uma grelha, que estará organizada através de hierarquias, na mesma estarão contidas diferentes categorias, podendo as mesmas ser, subdivididas em vários níveis a abranger e a integrar.

O processo de codificação é o nome que se dá à passagem para uma nova etapa, onde irá estabelecer um código que permita identificar rapidamente, cada elemento da sua pesquisa a ser analisado. O respetivo código poderá ser organizado por números, letras, cores, entre outros, sendo que, desde a referida codificação, irá orientar o investigador a consultar determinado documento, sempre que o desejar. Embora os documentos a ser analisados já existam, os mesmos necessitam de ser preparados de modo a constituir informações sintetizadas da sua pretensão. Os dados recolhidos, são meramente dados, no entanto necessitam ser coordenados, uma vez que, assumem uma função central nos objetivos de pesquisa do investigador.

Após alcançar respostas, por parte dos participantes diretos, terei de procurar nestas discrepâncias, diferenças, semelhanças, só assim a minha visão da temática em causa poderá realmente ampliar-se.

Surge uma nova etapa, sendo esta a última fase de trabalho, a comparação dos dados recolhidos, de modo a verificar se existe um conceito que os unifique. Durante esta etapa, é necessário regressar a todo o material pertinente à investigação, uma vez que darão perspetivas significativas à mesma, ocorrem dois momentos distintos, a apresentação e a discussão dos resultados recolhidos. Nesta fase não é possível separar o processo escrito do analítico, uma vez que a construção de um texto interpretativo difere do tipo de estudo, bem como, das preferências do investigador, sendo que quando se realiza uma dissertação, esta deve ser defendida de forma clara e fundamentada, tendo em conta a questão de partida.

Por fim cabe-me responder a todas as questões iniciais, tendo em conta tudo o que recolhi até então, dando a quem ler o meu trabalho a visão mais realista possível de tudo o

que me foi permitido viver, de tudo o que aprendi ao realizar todo um trabalho de investigação vivido e sentido na primeira pessoa.

CAPITULO 3

ANÁLISE DE DADOS

Como anunciado anteriormente, para dar respostas à segunda e terceira perguntas de investigação, em que era requerida uma metodologia empírica, decidi recorrer a dois instrumentos de recolha de dados. Neste capítulo irei, primeiramente, fazer uma análise às notas de campo, a seguir debruçar-me-ei sobre o conteúdo das entrevistas realizadas e, finalmente tentarei cruzar as informações de ambos os instrumentos.

1 Análise das Notas de Campo

Foram elaboradas nove Notas de Campo entre os dias 17 e 26 de fevereiro 2014, todas em anexo e respeitando cada uma delas a seguinte estrutura:

- Uma parte de identificação da situação;
- Um espaço meramente descritivo ocorrência; um momento que de inferências ou interpretativo da situação;
- E, complementarmente, no final da cada Nota de campo, alguns comentários (com informações, justificações ou apontamentos de enquadramento teórico) que se julgavam pertinentes.

A leitura atenta das Notas de Campo permitiu-me identificar informação suscetível de serem agrupadas de acordo com as seguintes categorias:

- Acessibilidade dos Materiais da Sala. Na Categoria de Acessibilidade dos Materiais da Sala, decidi integrar todas as referências das Notas de Campo em que se falava

de:

- Acesso a materiais;
- Estratégias utilizadas pela educadora para ser o mais autónoma possível dentro das limitações que lhes eram impostas pela sua condição física.
- Poder de Decisão / Insegurança. Na Categoria Poder de Decisão integrei, todas as Notas de Campo onde se encontram referidos momentos de decisão como:
 - Reuniões;
 - Relação direta com os pais.
- Relação com o Grupo de Crianças. Na Categoria da Relação com o Grupo de Crianças, integrei todas as Notas de campo que frisam:
 - Momentos de convívio;
 - Brincadeira livre;
 - Contato direto da educadora com as crianças.
- Reações das Crianças à Educadora. Por fim na categoria da Reação das Crianças à Educadora, integrei todas as Notas de Campo que me fazem referência aos comentários das crianças, entre si, sobre a Educadora de Infância.

De acordo com esta definição das Categorias, a próxima tabela dá-nos conta das Notas de Campo em que aparecem referidas:

Categorias	Notas de Campo
Acessibilidade dos Materiais da Sala	1 e 2

Poder Decisão	3 e 7
Relação com o Grupo de Crianças	4 e 9
Reação das Crianças à Educadora	5;6 e 8

Os próximos parágrafos pretendem justificar a inclusão de cada Nota de Campo em cada uma das quatro categorias.

Categoria 1: Acessibilidade dos Materiais da Sala

Nota de Campo 1	<p>A Nota refere que na ausência de um outro adulto a educadora recorre às crianças para a ajudarem.</p> <p>Neste caso estava a organizar os dossiês das mesmas, e, teve de pedir que lhe fossem trazendo tanto os dossiês como os trabalhos para assim os poder arquivar.</p>
Nota de Campo 2	<p>A Nota refere que quando idealiza uma atividade a educadora tem de transmitir à sua auxiliar o que pretende bem como os materiais que necessita para a concretizar. Isto para que a sua auxiliar organize tudo colocando todos os materiais que necessita ao seu alcance permitindo desta forma que a atividade se realize.</p>

Categoria 2: Poder de Decisão

Nota de Campo 3	<p>A Nota refere que durante uma reunião sobre o desfile de Carnaval</p>
-----------------	--

a Educadora Ana deixou que todas as decisões passassem pela outra colega, não opinando em momento algum.

Nota de Campo 7 A Nota refere que após uma reunião individual com uma mãe e apesar de diante da mesma concordar com tudo o que a mesma disse, no fim revelou-me verbalmente, exatamente o oposto.

Categoria 3: Relação com o Grupo de Crianças

Nota de Campo 4 A Nota refere que no espaço exterior as crianças pediram para empurrar a cadeira à educadora e esta permitiu, e, jogou junto com elas à apanhada e às escondidas, sendo a educadora muito participativa.

Nota de Campo 9 A Nota refere que durante o desenho livre a educadora foi dando sempre reforços positivos em relação aos desenhos fazendo com que as crianças investissem no mesmo. É de frisar que para isto a educadora saiu da cadeira de rodas sentando-se na mesa com as crianças.

Categoria 4: Reação das Crianças à Educadora

Nota de Campo 5 A Nota refere os comentários de uma criança que pensa que a educadora dorme na cadeira e não numa cama como qualquer outra pessoa, chegando mesmo a questionar se a educadora dorme.

Nota de Campo 6 A Nota refere um episódio em que uma criança se colocou num

Nota de Campo 8	<p>local da sala onde a educadora não conseguia chegar com tanta facilidade, para desta forma não ter se solucionar junto com a mesma o conflito ocorrido.</p> <p>A Nota refere uma criança que aguardava a chegada da educadora, questionando em voz baixa, “mas a cadeira nunca mais vem?”</p>
-----------------	--

Na hora de se interpretar estas Notas de Campo, é necessário ter em consideração as seguintes advertências:

- Sendo as Notas de Campo fruto de uma observação da minha parte, que sou participante ativo no grupo de observados bem como da educadora em causa, poderia ter influenciado as Notas aqui apresentadas. No entanto, o equilíbrio visível entre as quatro categorias revela que consegui ser imparcial.
- O facto de realizar observações de semanas seguidas, permitiu-me dar ênfase ao vivenciado, sem ter a hipótese de seleccionar uma situação em prol de outra, esta decisão foi tomada conscientemente já para evitar direccionar as Notas de Campo no sentido da minha opinião pessoal.

No decorrer das vivências e experiências junto desta educadora foi-me permitido observar que as notas de campo não iriam divergir muito umas das outras:

- A rotina da sala era constante nem os acessos não se alteram de um momento para o outro, mesmo modificando a sala para um melhor conforto da educadora.
- A reacção, das crianças foi sempre natural;

- A educadora tem uma personalidade que é visível, mantendo-se no seu espaço tentando sempre não entrar em confrontos, por ser como é conquistou este grupo mantendo uma relação saudável com o mesmo.

As crianças das observações que fiz aceitaram a educadora de forma bastante visível, revelando isso mesmo ao darem uso à sua cadeira, nas tentativas constantes de integrar a mesmas nas suas brincadeiras. Empurravam a sua cadeira para que junto com elas brincasse à apanhada, sendo visível nas notas de campo a vontade da educadora de ser membro do grupo participando sempre e dando abertura às crianças para que a procurassem para brincar.

Do que vi também ficou vincado o facto das crianças compreenderem as limitações da educadora, por esta estar em cadeira de rodas, solicitando a minha ajuda por exemplo, quando se tratava da higiene, pois era para elas obvio que a educadora não conseguia entrar na casa de banho.

2 Análise dos Questionários por Inquérito aos Pais/Encarregados de Educação

Tal como já foi referido no Capítulo dois, esta foi uma das técnicas que utilizei para melhor compreender a visão dos pais e a reação das crianças perante esta situação nova que é ter uma educadora de infância que ao contrário do que é suposto, se encontra em cadeira de rodas. Para tal utilizei os questionários de pergunta fechada para poder ter uma visão mais ampla, ou seja, para poder ter um maior número de pais/encarregados de educação a responder.

O questionário de perguntas abertas foi feito apenas a quatro pais, pois o seu objetivo é complementar o anterior que foi elaborado para 25 respondentes, no entanto, apenas 20 devolveram o mesmo, em anexo encontram-se todos eles respondidos.

Começando pela análise do questionário de perguntas fechada optei por dividir em duas categorias:

- Opinião dos pais/encarregados de educação em relação à educadora de infância;
- Reação das crianças à educadora de infância.

Na categoria da Opinião dos pais/encarregados de educação, decidi inserir três das questões colocadas que se prendem com a condição física da educadora, e que tendem a dar-me uma compreensão do sentido inicialmente e na atualidade.

Na categoria Reação das crianças, apenas coloquei duas questões que me pareceram pertinentes e que me darão igualmente uma visão do início do ano e do presente.

Categoria 1: Opinião dos pais/encarregados de educação em relação à educadora de infância

Questões	Sim	Não
Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?	7	13
Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?	18	2
Atualmente sente os mesmos receios que no início do ano letivo?	1	19

Categoria 2: Reação das crianças à educadora de infância

Questões	Receio	Natural
Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?	0	20
Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?	0	20

Começo antes de tudo por referir que:

- Todos os questionários foram respondidos pelas mães;
- Com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos;
- Estando a sua escolaridade compreendida entre o 3º ciclo do ensino básico e o ensino superior, no entanto a maioria encontra-se apenas com o 3º ciclo do ensino básico ou o secundário completo.

O grupo de crianças tem idades compreendidas (à data da colocação deste questionário) entre os quatro e os seis anos, estando a sua maioria na faixa dos cinco anos. Também a maioria já tinha frequentado o jardim-de-infância em anos anteriores. Este dado permite-me pensar que o facto de já terem partilhado outros anos letivos com educadoras ditas normais, nada fez com que estas crianças de algum modo reagissem de uma forma preconceituosa ou com receio à educadora.

Por outro lado, estas respostas dos pais parecem confirmar a ideia de que as crianças não nascem com preconceitos, nem com ideias pré concebidas sobre a diferença, são as vivências os ensinamentos que vão tendo ao longo da vida que as constroem enquanto seres humanos que são. Pelas respostas dos pais parece ficar bem evidente que estes

também reagiram de um modo muito natural a esta realidade, e talvez por isso os filhos tenham aceitado tão bem a educadora. Somos modelos das crianças, e estes pais ao transmitirem tranquilidade, ao aceitarem mesmo que alguns tenham tido um receio inicial, permitiram às crianças fazer o mesmo.

Parece igualmente ser evidente que até os pais que inicialmente sentiram algum receio, neste momento todos eles acreditam no trabalho e na capacidade da educadora Ana, e que apenas uma minoria considera que ela não consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal.

Debruçar-me-ei agora sobre os questionários de pergunta aberta, realizados a uma pequena amostra de quatro pais/encarregados de educação e que se encontram em anexo. Realizei-os no sentido de melhor compreender o que pensam e sentem os pais/encarregados de educação em relação ao trabalho realizado pela educadora:

- É visível pelas respostas que aceitaram a educadora tal como ela é, não sentindo nenhum problema ou preconceito com a sua condição física, havendo mesmo uma resposta onde diz ser de “louvar”, e que “não há barreiras/limitações quando há interesse no que se faz, tudo o resto é superável!”.
- No entanto há uma mãe que coloca em causa as respostas do questionário de perguntas fechadas referindo que “alguns pais não foram muito sinceros, pois alguns pais comentaram no portão terem alguns receios”. É um reparo que não posso deixar de considerar, sabendo, como sei, que as pessoas tendem naturalmente a dar as respostas socialmente mais aceites a revelar o seu pensamento quando pode ser julgado como preconceituoso.
- Isto é, admite-se que possa ter havido um receio por parte dos pais de revelar o que verdadeiramente pensavam.

- Por outro lado, referiram que tinham uma boa relação com a Ana, no entanto, frisam a sua timidez, “ (...) acho que é uma pessoa insegura, mas uma pessoa muito humana (...); “ (...) em relação aos pais a educadora é tímida (...) ”.

No que se refere à sala, as opiniões dividem-se havendo duas mães a considerar que a escola reúne as condições para acolher a Ana “ (...) reúne todas as condições para qualquer pessoas”; “ (...) a educadora se consegue mover por toda a sala, a sala é grande e tem boas condições”, outra mãe contrapõe esta opinião ao responder “penso que as dimensões da sala de aula deveriam ser maiores para melhor movimentação e todo o material deveria estar ao acesso da educadora (...)”, ainda há outra mãe que refere “ (...) as casas de banho das crianças não são adaptadas para alguém com deficiência, logo quando a auxiliar vai almoçar as crianças tem de ir sozinhas à mesma”. Em relação às visitas de estudo há realmente a questão do nosso país ainda não estar preparados para as pessoas em cadeira de rodas, mas o facto de saberem que a educadora nunca vai sozinha para um passeio com as crianças, permite aos pais acreditarem que o seu trabalho é realizado dentro da normalidade, “acho que a educadora nunca vai sozinha a uma visita de estudo (...) ”; “infelizmente o nosso país ainda não está preparado para facilitar a vida de pessoas com deficiência”. No entanto duas das respondentes referem as suas dúvidas em relação à Ana ser capaz de numa visita de estudo ter as mesmas oportunidades que uma educadora dita normal quando referem “ (...) edifícios com escadas onde a educadora tem de se ausentar do grupo!”; “ (...) entrada e saídas do autocarro, logo não poderá ter um acompanhamento equivalente”.

Voltando a frisar as crianças e a forma como é visível que conseguem compreender as limitações da educadora, reforçando o que observei uma mãe refere que apesar de ser

basicamente inato nas crianças a vontade de contornar as regras dos adultos, “por vezes conta-me que se escondem de modo à educadora não os ver, mas penso que fariam o mesmo com outra pessoa (...)”. Esta resposta faz com que consiga ter a certeza que as crianças têm plena noção de que a educadora na sua cadeira não tem acesso a todos os locais existentes na escola.

3 Análise do Questionário por inquérito realizado à Educadora de Infância

O questionário elaborado e colocado à educadora é de perguntas abertas, para me permitir saber não só o que a move, como o que sente e o que pensa em relação ao seu trabalho e à forma como é aceite dentro da comunidade escolar (encontra-se em anexo).

Esta educadora começa por referir que a escolha da profissão se prendeu por “ (...) desde sempre, gostar de crianças desta faixa etária”. Completa no final deste ano letivo cinco anos de serviço pois sempre foi colocada em horário completo “ (...) devido a existir um decreto-lei (nº29/2001) que estabelece o sistema de quotas de emprego para pessoas com deficiência”.

Em relação a este ano letivo sentiu-se logo integrada por toda a comunidade escolar a própria refere “ (...) fui integrada na comunidade escolar desde cedo”.

Dá-nos um exemplo de uma prática que utiliza neste caso em aulas de movimento que devido à sua condição física necessita que alguém exemplifique por ela os exercícios, “ (...) necessito que a auxiliar que esteja comigo exemplifique os exercícios às crianças”, ou seja, esta educadora adapta a sua prática à sua própria realidade, é isto que se pode esperar.

É visível que na sua opinião para os pais e crianças a sua realidade não é aceite logo à partida, para ela à sempre que haver uma adaptação pela parte dos mesmos á sua condição física, nas três ultimas questões refere isto mesmo, “ penso que no inicio as crianças têm alguma dificuldade em lidar com a professora nesta condição (...) ”; “ (...) os pais terão algum receio no início.”; “penso que no início do ano, tanto as crianças como os pais têm alguma dificuldade em habituar-se ao facto de a educadora utilizar uma cadeira de rodas (...)”.

É de frisar que se sente mais à vontade ao realizar reuniões de pais individuais mas “ (...) salienta que já realizei reuniões gerais”.

4 Cruzamento dos dados alcançados

Após a análise de todos os questionários elaborados posso dizer que a opinião dos pais de um modo geral é idêntica, havendo divergências no que se refere às infraestruturas da escola onde possivelmente elaborando o questionário aberto a todos os pais teria uma visão mais geral.

No que se refere à aceitação por parte dos pais e das crianças em relação à educadora essa foi alcançada, a personalidade tímida da educadora ficou bem referida nos dados recolhidos sendo visível que os pais a sentiram havendo mesmo uma resposta que nos dá essa panorâmica “ (...) penso que a timidez foi a maior barreira e não a cadeira de rodas”. A educadora pelo que pude ver espera logo os receios iniciais por parte das crianças e dos pais e isso é sentido pelos mesmos “ (...) acho uma pessoa mais comunicativa, pois já não tem medo de não ser aceite, tanto pelos pais como pelas crianças”. De um modo geral mesmo com todas as dificuldades, com todas as barreiras que a Ana possa ter sentido e

vivenciado, o seu trabalho foi aceite e respeitado tanto por crianças como por pais ou até mesmo por toda a comunidade escolar, o que só prova que quando há força de vontade tudo é superável.

Ainda há que ter em conta as visitas de estudo onde fica claro que a segurança dos pais se prende por a educadora nunca ir sozinha, pois tem a consciência de que o nosso país ainda não está realmente preparado para acolher pessoas em cadeira de rodas, havendo ainda bastantes obstáculos para estas pessoas. Basta a educadora ter de dar uso a um elevador para já não ir junto do grupo, isto está à vista de qualquer pessoa e obviamente não passou indiferente aos pais.

Capítulo 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Conclusões do Estudo

O presente Relatório Final tem o objetivo de dar uma perspectiva dos aspetos fundamentais que foram abordados ao longo de todo o trabalho. Esta investigação surgiu do problema “Como é feita a integração de um Educador de Infância portador de deficiência motora?”. Do problema, surgiram as questões: “Qual é a legislação e as linhas orientadoras que apoiam o exercício profissional de pessoa com deficiência?”; “Como foi a integração da Educadora?”; “Como é que a Educadora adapta a sua prática face à limitação?”

Reflexão quanto à questão: Qual é a legislação e as linhas que apoiam o exercício profissional de uma pessoa com deficiência?

“Entende-se por «pessoa deficiente» aquela que, por motivos de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de funções ou de estruturas do corpo, incluindo as funções psicológicas, apresente dificuldades específicas suscetíveis de, em conjugação com os fatores do meio, lhe limitar ou dificultar a atividade e participação em condições de igualdade com as demais pessoas” (decreto-lei n.º 93/2009, capítulo 1, artigo 4º).

Tendo em conta este decreto-lei parti para todos os outros que me foram construindo tudo o que em torno da Ana se forma para que a sua colocação todos os anos no quadro dos educadores de infância do Ministério da Educação seja possível. Apesar do que referi sei que mesmo havendo uma lei (decreto-lei 29/2001, artigo 3º, alínea 1) que diz que há uma percentagem dos contratados que tem de ficar reservada a pessoas portadoras de

deficiência todos os anos a Ana tem de provar sua limitação por existir uma outra lei (decreto-lei 29/2001, artigo 6º, alínea 1) que o exige, no entanto, a sua deficiência é permanente e neste sentido o nosso país revela ter ainda um percurso a percorrer pois a burocracia ainda se revela prevalecer às evidências.

Ao longo da carreira da Ana tem havido o respeito como por qualquer outro cidadão sendo respeitada a lei que afirma “promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses (...)” (Constituição da República Portuguesa, artigo 9º, alínea d), esta educadora tem uma carreira que completa cinco anos e tem sido sempre colocada, mesmo à frente de profissionais com a mesma formação mas com mais anos de serviço.

A Ana como qualquer outro profissional da educação estudou para exercer a função que hoje desempenha e é com todo o mérito que o faz, dentro da limitação que tem encontrou o seu espaço e o seu lugar dentro da comunidade educativa, para reforçar este seu direito em exercer diariamente a profissão de educadora de infância o estatuto da carreira docente diz que “(...) considera pessoal docente aquele que é portador de qualificação profissional, certificada pelo Ministério da Educação, para o desempenho de funções de educação ou de ensino com carácter permanente, sequencial e sistemático (artigo 2º, alínea 1).

Por tudo o que referi anteriormente sinto-me capaz de afirmar que há leis e medidas que existem no nosso país e que defendem os direitos da Ana enquanto cidadã comum, são elas que a têm permitido trabalhar desde que se formou enquanto profissional de educação. Deste modo acredito que ao nível social esta se sinta uma pessoa aceite e capaz de desempenhar as suas funções em qualquer escola onde possa vir a ser colocada.

Reflexão quanto à questão: “Como foi a integração da Educadora?”

“As pessoas deficientes têm os mesmos direitos que qualquer cidadão, mas no cotidiano de cada uma nenhuma lei ou imposição pode assegurar o respeito à diferença: é uma questão de atitudes, de mentalidades, de interesses e de relações de forças.” (Québec, 1984, apud IBDD, 2004, p.35, apud RAPOSO, 2013, p.35).

Esta afirmação fez-me pensar sobre quem somos, o que somos, como agimos e pensamos perante a diferença, afinal não há indivíduos iguais, por isso acabamos por ter de nos perguntar, o que é afinal ser diferente.

Esta educadora pelo que pude ver pelas respostas alcançadas e observações realizadas, foi bem integrada na comunidade educativa onde hoje me dia se insere. Apesar de ver respostas que me dizem não ter havido qualquer receio inicial à realidade da educadora, por parte dos pais fica-me a dúvida se não responderam apenas o que é politicamente correto. O que também é colocado em causa numa das respostas do questionário aberto a um dos pais. A própria educadora revela pensar que tanto para os pais como para as crianças inicialmente a aceitação é difícil mas há uma adaptação à sua realidade. Na verdade a certeza absoluta nunca terei, mas em relação às crianças tanto nas respostas como das observações que fiz encararam de um modo natural aceitando desde sempre a educadora. Fico com a certeza de que é mais simples às crianças aceitar a diferença do que aos pais, talvez por terem vivências e modos de pensar demasiado distintos.

A integração da Ana nesta comunidade escolar foi feita de um modo gradual, mas de um modo geral foi feita naturalmente, hoje ela é um membro como qualquer outro, é aceite e respeitada como qualquer outra colega de profissão com quem trabalha diretamente.

O seu feitio humilde, a sua forma de se aceitar tal como é também a permite ser integrada de uma forma rápida, a Ana é uma pessoa simples e fácil de se gostar, acredito que nesta escola criou amizades que vão permanecer. Foi sempre uma pessoa que procurou o bom funcionamento do estabelecimento e que tentou levar sempre o ano letivo a bom porto, por isso a sua integração foi sem dúvida bem conseguida e alcançada.

Reflexão quanto à questão: “Como é que a Educadora adapta a sua prática face à limitação?”

Deste modo a formação de professores não pode ficar apenas pela teoria, há que formar Educadores de Infância com valores bem enraizados, tendo em conta a sua individualidade, os seus valores e sentimentos, equilibrando o profissional com o pessoal e social, tal como Sá-Chaves (2001) havia referido.

É no que me diz este autor que eu encontro a resposta para esta questão, pois é com base na sua singularidade, no seu modo de ser e estar na vida que a Ana constrói a sua prática. Ao aceitar-se tal como é com a sua limitação física que é possível a esta educadora ajustar as suas práticas, vivendo com o que tem a ajustando os recursos que encontra. Mesmo as nossas escolas ainda não reunindo as condições físicas, para acolher uma educadora de infância em cadeira de rodas a realidade é que a Ana faz o seu trabalho desempenha a sua função, ajustando-se aos recursos existentes. E tal como ela refere no questionário que referiu por exemplo numa aula de movimento pede ajuda à auxiliar para exemplificar exercícios, adaptando a sua prática à sua condição física. Do que pude observar diariamente a Ana faz tudo o que se espera de uma educadora de infância recorrendo à ajuda das crianças e da auxiliar que consigo trabalho, mas realiza tudo o que é

esperado e por isso com toda a certeza faz um bom trabalho, basta ver que as crianças da sua sala são iguais a todas as outras.

Ajustou toda à sua prática às suas limitações e infraestruturas, optando por trabalhar em pequenos grupos, para assim poder dar um acompanhamento individualizado a cada criança.

As barreiras nesta escola ainda são visíveis e este ano deixamos de visitar a biblioteca da mesma pois o seu acesso só é possível com recurso às escadas, demos desta forma um maior uso à biblioteca da nossa sala.

Uma outra prática educativa eliminada talvez por o pouco à vontade da educadora perante a mesma foi a atividade física.

2. Constrangimentos

Considero que atingi os objetivos aos quais me propus, na medida em que consegui através da fundamentação teórica e da análise dos dados recolhidos no campo de estágio, refletir e compreender a realidade da educadora de infância com quem trabalhei ao longo deste ano letivo.

Após as diversas leituras que efetuei para a elaboração do presente Relatório Final, tive a oportunidade de me aprofundar um pouco mais sobre o tema, neste sentido, fico com a noção de uma realidade pouco comum mas de uma importância sem limites. Considero no entanto que a literatura referente a este mesmo tema ainda é escassa o que dificultou um pouco o aprofundamento da temática.

Fico com a certeza de que com mais tempo de investigação os resultados e experiências seriam mais aprofundados.

Tenho de referir também que este é um tema que num outro contexto poderia revelar uma realidade bem distinta, pois falamos de grupos e de comunidades educativas que são distintas consoante o meio onde se inserem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação; um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Candeias, A. (2009). *Escola inclusiva: Contributos para a sua implementação*. Évora: CIEP- Centro de Investigação em Educação e psicologia. Universidade de Évora.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (3ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (2ª edição). Porto Alegre: Penso.
- Machado, J. P. (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. (volume IV). Amigos do Livro Editores, LDA.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto: Porto Editora.
- Pereira, R. J. (2006). *Anatomia da diferença: uma investigação teórico-descritiva da deficiência à luz do cotidiano*. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro.
- Raposo C.C. (2013). Dissertação de Mestrado “*A Integração dos Cidadãos Portadores de Deficiência no Mercado de Trabalho*”.

- Roca, M. (2006). *O Educador da Infância e a sua Ação Pedagógica na Atualidade*. Eixo Temático I- Políticas educativas na América Latina: *consequências sobre a formação e o trabalho docente*, pp. 1-12.
- Stake, R.E. (2011). *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.

WEB GRAFIA

- Constituição da República Portuguesa Acedido, janeiro 10, 2014 em:
<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Decreto-Lei nº93/2009 Acedido, janeiro 10, 2014 em:
<dre.pt/pdf1s/2009/04/07400/0227502277.pdf>
- Decreto-lei nº 29/2001 Acedido, janeiro 10, 2014 em: www.ipv.pt/secretaria/dl2901.pdf
- Estatuto da Carreira Docente Acedido, janeiro 10, 2014 em:
www.publico.pt/docs/educacao/e.cd.pdf
- Frases do inicio do trabalho Acedido, Junho 17, 2014 em:
<http://deficienciavisualsp.blogspot.pt/2009/04/blog-post.html>
- Lei nº 7853 Acedido, janeiro 10, 2014 em:
portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei7853.pdf

Anexos

Anexo I – Notas de Campo

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Acessibilidade dos Materiais em Sala

Data: 17 de fevereiro de 2014

Hora: 10h às 10h15m

Local: Sala 2 do Jardim de Infância

Intervenientes: Educadora e crianças

Sexo: Feminino 9 e Masculino 17

Idade: 4; 5 e 30 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje o dia amanheceu frio e chuvoso, o que nos fez ficar todo o dia em sala.</p> <p>Havendo a necessidade urgente de organizar os dossiês e as capas das crianças, organizamos o grupo, distribuindo-os pelas diversas áreas da sala, orientando-as e estando sempre atentas às necessidades que nos iam revelando ou demonstrando.</p> <p>Só no período da tarde é que contamos uma história e falamos do carnaval, sendo que todo o outro tempo foi necessário para a tarefa já</p>	<p>Dada a sua mobilidade reduzida, devido a encontrar-se numa cadeira de rodas, teve de contar com o apoio das crianças.</p>

referida.

Tenho de salientar que me ausentei da sala por um período de cerca de 15 minutos, quando regresssei verifiquei que a educadora continuou a organizar os trabalhos das crianças, mas que teve de recorrer à ajuda de duas crianças mais velhas. Estas iam buscar os dossiês e os trabalhos que se encontravam em armários diferentes, a educadora permaneceu sentada na cadeira da mesa onde estávamos a realizar esta tarefa.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A altura dos armários bem como o acesso aos mesmos dificulta a sua mobilidade, uma vez sentada na cadeira da mesa da sala é-lhe mais difícil deslocar-se constantemente, com tudo isto penso que adaptou as condições reais à sua própria condição física, recorrendo aos recursos que tinha no momento.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

2

Situação: Organização do material para realizar a atividade

Data: 18 de fevereiro de 2014

Hora: 9h às 11h30

Local: Sala 2 do Jardim de Infância

Intervenientes: Educadora, Assistente operacional/estagiária e crianças

Sexo: Feminino 10; Masculino 17

Idade: 4; 5; 30; 32 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O dia de hoje revelou-se com aberturas que nos permitiu usufruir do espaço exterior.</p> <p>Hoje demos início à elaboração das máscaras de carnaval, mas enquanto preparávamos o material para as poder elaborar pedimos ao grupo que desenha-se o disfarce de carnaval que iriam usar no dia do desfile da escola. Todo o material que necessitamos teve de ser organizado por mim, a educadora idealiza mas depois confirma comigo se há o material e pede que eu organize o mesmo bem como o espaço que será necessário para a</p>	<p>A condição física da educadora não lhe permite ser totalmente autónoma na sua prática profissional.</p>

atividade. Depois cabe-me a mim colocar tudo ao seu alcance para que esta possa colocar em prática a atividade que idealizou.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A nossa arrecadação dos materiais é longe da sala e de difícil acesso, temos de atravessar todo o refeitório, entre mesas e cadeiras para lá chegar, além de tudo isto os armários que lá se encontram são altos, todas estas condições físicas condicionam ainda mais a educadora no sentido de ser autónoma.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

3

Situação: Poder de decisão

Data: 19 de fevereiro de 2014

Hora: No período da manhã

Local: Sala 2 do Jardim de Infância

Intervenientes: Educadoras

Sexo: Feminino 2

Idade: Entre os 3 e os 60 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Este dia permitiu-nos ir para o exterior, pois esteve ameno, mas antes disso terminamos as máscaras iniciadas no dia anterior.</p> <p>Neste dia tivemos uma pequena reunião onde houve a necessidade serem tomadas decisões relativamente ao desfile de carnaval, as mesmas foram apenas tomadas pela educadora da sala pois a Ana não dá opinião, apenas acata tudo o que lhe dizem.</p>	<p>Será que a falta de poder de decisão se prende com ideologias criadas por si devido à deficiência?</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Muitas vezes à formas de ser e estar na vida que se prendem com a educação que temos, com</p>	

ideais e valores que nos transmitiram ao longo da vida. A personalidade que adquirimos não se prende apenas com algo já inato, é também fruto de todas as nossas vivências, vamos construindo-nos ao longo de toda a nossa vida, evoluímos e aprendemos com tudo aquilo que experienciamos diariamente.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Relacionamento com o grupo

Data: 20 de fevereiro de 2014

Hora: das 14h às 15h10m

Local: Exterior

Intervenientes: Educadora e crianças

Sexo: Feminino 9; Masculino 17

Idade: 4; 5 e 30 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O tempo hoje permitiu-nos ir para a rua, por isso no período da tarde decidimos aproveitar o sol e o espaço que temos lá fora.</p> <p>Pude observar que as crianças pedem constantemente à Ana para empurrar a cadeira, esta permitiu-lhes e alegria foi contagiante. Brincaram às escondidas, à apanhada e a educadora cooperou com as crianças, participando sempre nas brincadeiras.</p>	<p>Esta situação permitiu-me refletir e ver que as limitações da Ana não a impedem de se relacionar com o grupo, e que a educadora com as crianças tem facilidade de criar ligação.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A Ana é uma pessoa que desde sempre revelou estar bem consigo mesmo, aceitar-se tal como é,

isto permite que ela consiga ter uma relação de igualdade para com as crianças. O facto de estabelecer facilmente relações de empatia com todos os que a rodeiam facilita a sua integração dentro do grupo onde se insere.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

Situação: Dúvidas de uma criança

Data: 21 de fevereiro de 2014

Hora: 14h às 15h10m

Local: Exterior

Intervenientes: educadora e criança

Sexo: Feminino 2

Idade: 4 e 30 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje durante as brincadeiras livres no exterior, uma menina de quatro anos aproximou-se da educadora e começou a falar com ela, inicialmente sobre o que os outros meninos faziam, mas depois começou a brincar com a educadora, a tocar-lhe nas pernas, nos pés, quando de repente para e pergunta, “Tu dormes?” ao que a educadora responde “Claro” e a menina responde automaticamente “Dormes aí, na tua cadeira?” e a educadora calmamente diz “não, eu durmo na minha cama, tal como tu dormes na tua”.</p>	<p>Este diálogo, as questões da criança fizeram-me pensar se as crianças pensam que a Ana e a cadeira serão inseparáveis, como se vivessem em simbiose.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

As crianças são sinceras e ao mesmo tempo espontâneas na sua forma de ser e estar, para esta criança a educadora e a cadeira são indissociáveis, o que não a permite imaginar uma sem a outra, tal qual como um recém-nascido não entende que ele e a mãe não são um só.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: As estratégias do grupo

Data: 24 de fevereiro de 2014

Hora: período da manhã

Local: Sala 2 do Jardim de Infância

Intervenientes: Educadora e criança

Sexo: Feminino 1 e masculino 1

Idade: 5 e 30 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje demos continuidade à temática já iniciada anteriormente, consolidando com uma ficha.</p> <p>Houve a necessidade de eu me ausentar da sala por um curto período de tempo a fim de ir buscar materiais necessários para a atividade pensada pela educadora. Quando regresssei a educadora encontrava-se a tentar solucionar um conflito com uma criança, mas esta colocou-se num ponto da sala onde é difícil a educadora ir, neste sentido vi-me forçada a intervir, levando a criança até à educadora no sentido de esta</p>	<p>Pergunto-me se as crianças terão noção de que a educadora tem dificuldade de acesso a determinadas zonas da sala, e usam isso em seu próprio benefício.</p>

conseguir resolver a situação.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

As crianças vão adquirindo hábitos dadas as próprias rotinas da escola e neste sentido começam não só a conhecer o funcionamento da escola, como as instalações e até mesmo os adultos com quem convivem diariamente. As crianças têm extrema facilidade em compreender se o adulto está bem ou mal disposto naquele dia, ou seja, para elas não será difícil que com o dia-a-dia comecem a reconhecer os locais de menos acesso para a Ana e desta forma utilizam estratégias que de certo modo lhes facilitem fazer o que desejam e não o que lhes é imposto pelo adulto.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

7

Situação: Reuniões com os pais

Data: 25 de fevereiro de 2014

Hora: 15h30 às 16h

Local: sala 2 do Jardim de Infância

Intervenientes: educadora e assistente operacional/estagiária

Sexo: Feminino 2

Idade: 30 e 32 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
Hoje na hora do acolhimento, uma mãe pediu para reunir com a educadora, esta revelou-se muito ansiosa e após as crianças saírem, falou então com a mãe em causa. Durante o diálogo revelou-se tensa acedendo a tudo o que a mãe dizia, no entanto, após a reunião revelou-me discordar do discurso da senhora.	Será que esta falta de coragem em dizer o que sente, se prende com a sua própria condição física?

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A educadora já por diversas vezes me referiu a sua insegurança em relação às reuniões gerais, que tem dificuldade em opinar e dar o seu parecer sobre algo. Diz mesmo que tenta sempre ir ao

encontro do esperado pelo pai no sentido de não entrar em confrontos.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: Comentários de uma criança

Data: 26 de fevereiro de 2014

Hora: período da manhã

Local: Sala 2 do Jardim de Infância

Intervenientes: Assistente operacional/estagiária e criança

Sexo: Feminino 1; Masculino 1

Idade: 4 e 32 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A educadora mandou uma criança sentar-se a pensar no disparate que fez, entretanto ausentou-se durante cerca de dez minutos. Como eu não tenho como prática retirar as ordens das educadoras com que trabalho disse a criança que enquanto pensava poderia desenhar. Ao fim de uns minutos a criança concluiu o desenho e pediu-me para sair e eu disse que teria de esperar que a Ana regressasse para o autorizar a faze-lo, ao que me responde “mas a cadeira dela nunca mais vem” respondi “com certeza não demora” e ele dizia baixinho “Vá lá</p>	<p>Esta criança parece pensar que é a cadeira quem decide, para e quando é que a educadora se desloca.</p>

cadeira da Ana volta...”	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Muitas são as crianças que dão vida aos objetos, nesta situação isso é bem visível pois a criança fala da cadeira da educadora como se ela fosse responsável pelos movimentos que a Ana dá e não o oposto. Aqui há plena noção de que a Ana e a cadeira são duas coisas distintas, no entanto o objeto inanimado para esta criança é como se fosse um ser humano com poder de decisão.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: Desenhar

Data: 27 de fevereiro de 2014

Hora: período da manhã

Local: sala 2

Intervenientes: educadora; crianças.

Sexo: Feminino 3; Masculino 4

Idade: entre os 4 e os 30 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Após o acolhimento, as crianças foram distribuídas pelas diversas áreas da sala, sendo que algumas delas foram desenhando para a mesa que se destina a esta mesma atividade. A educadora, apoiando-se na mesa sentou-se junto das crianças que desenhavam dando reforços positivos “que bonito desenho”, “cada dia vocês desenha coisas mais bonitas” isto fez com que as crianças ficassem durante um longo período de tempo na mesa chamando a atenção da Ana para o que de novo eram capazes de desenhar “olha Ana já viste que sei desenhar</p>	<p>Esta valorização feita por parte da educadora permitiu-me ver como é importante para as crianças a sua opinião.</p>

um passarinho?

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

As crianças procuraram a atenção da educadora, ao contrário do que é comum investiram nos seus desenhos e estiveram muito tempo a tentar fazer melhor. Geralmente vão à mesa do desenho por vontade própria mas facilmente desistem e quando vamos ver os desenhos vê-se que não investiram que deixam a meio, focando logo a atenção numa outra área.

A valorização do adulto pelo trabalho das crianças é visível mas estas realmente investem por terem laços fortes com a pessoa que lhes dá a atenção que necessitam.

**Anexo II – 1º Inquérito por Questionário
efetuado aos Pais/Encarregados de Educação**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

<u>Idade:</u>	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input checked="" type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

<u>Género:</u>	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

<u>Estado Civil:</u>	
Solteiro	<input checked="" type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorçado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão:

Habilitações literárias: 3º Ano

Localidade da habitação: Casimiro Monteiro

Local do posto de trabalho: Centro

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos.

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:

- de 20
20 - 25
26 - 30
31 - 35
36 - 40
40 - 45
+ 45

Género:

- Masculino
Feminino

Estado Civil:

- Solteiro
Casado
União de facto
Divorciado
Viúvo

Profissão: EMPRESÁRIA

Habilitações literárias: ENSINO SECUNDÁRIO

Localidade da habitação: MAGOITO

Local do posto de trabalho: LISBOA

ANDRÉIA GARCIA

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração
Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input checked="" type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:	
Solteiro	<input checked="" type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Víuvo	<input type="checkbox"/>

Profissão: *Professora de Educação Pré-Escolar*

Habilitações literárias: *2^ª*

Localidade da habitação: *Algueirão*

Local do posto de trabalho: *Algueirão*

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

* Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração
Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos.

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:

- de 20
20 - 25
26 - 30
31 - 35
36 - 40
40 - 45
+ 45

Género:

- Masculino
Feminino

Estado Civil:

- Solteiro
Casado
União de facto
Divorciado
Viúvo

Profissão:

Habilitações literárias: 9º ANO

Localidade da habitação: TOZEIRA

Local do posto de trabalho: DESELLIPUGADA

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda. Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input checked="" type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:	
Solteiro	<input type="checkbox"/>
Casado	<input checked="" type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorçado	<input type="checkbox"/>
Viuvo	<input type="checkbox"/>

Profissão: ADMINISTRATIVA

Habilitações literárias: 12º ANO

Localidade da habitação: TUIÇA

Local do posto de trabalho: MARCO

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:

- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input checked="" type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:

Solteiro	<input type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input checked="" type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viuvo	<input type="checkbox"/>

Profissão: Ajudante Operacional (Auxiliar Ação Educativa)
Habilitações literárias: 12º ano + curso técnico profissional
Localidade da habitação: São Miguel de Odrinhas
Local do posto de trabalho: Arneiro dos Marinheiros

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração
Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input checked="" type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:	
Solteiro	<input checked="" type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão:

Habilitações literárias: *7º ano*

Localidade da habitação: *Vicente*

Local do posto de trabalho: *...*

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICI
Mestrado em Educação Pre-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:

- de 20
20 - 25
26 - 30
31 - 35
36 - 40
40 - 45
+ 45

Género:

Masculino
Feminino

Estado Civil:

Solteiro
Casado
União de facto
Divorciado
Viúvo

Profissão: _____

Habilitações literárias: _____

Localidade da habitação: _____

Local do posto de trabalho: _____

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:

- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input checked="" type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:

Solteiro	<input type="checkbox"/>
Casado	<input checked="" type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão: Professora 1ª ciclo

Habilitações literárias: Licenciatura

Localidade da habitação:

Local do posto de trabalho:

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração
Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos.

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input checked="" type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:	
Solteiro	<input type="checkbox"/>
Casado	<input checked="" type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão: Professora dos 1.º e 2.º anos secundários

Habilitações literárias: Licenciatura em Pedagogia e Psicologia

Localidade da habitação: Lisboa

Local do posto de trabalho: Lisboa

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

* Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração
Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:
- de 20
20 - 25
26 - 30
31 - 35
36 - 40
40 - 45
+ 45

Género:
Masculino
Feminino

Estado Civil:
Solteiro
Casado
União de facto
Divorciado
Viúvo

Profissão: BANCÁRIA

Habilitações literárias: LICENCIATURA

Localidade da habitação: ALGÉRIA

Local do posto de trabalho: SINTIA

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input checked="" type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Cívil:	
Solteiro	<input checked="" type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input checked="" type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão: *Professora*

Habilitações literárias: *3º ciclo*

Localidade da habitação: *Almada*

Local do posto de trabalho:

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos.

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input checked="" type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:	
Solteiro	<input type="checkbox"/>
Casado	<input checked="" type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão:

Habilitações literárias: 12^ª ANO

Localidade da habitação: MACEIO S. JUAZ DAS CALHAS

Local do posto de trabalho: _____

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração
Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input checked="" type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:	
Solteiro	<input checked="" type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão:

Habilitações literárias: *1º e 2º grau*

Localidade da habitação: *1º de 1º grau*

Local do posto de trabalho: *1º de 1º grau*

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos.

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:

- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input checked="" type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:

Solteiro	<input type="checkbox"/>
Casado	<input checked="" type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viuvo	<input type="checkbox"/>

Profissão:

Habilitações literárias: 5º Ano

Localidade da habitação: Nogueira, Tojeira,

Local do posto de trabalho: CC&CM

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

• Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora
2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:

- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input checked="" type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:

Solteiro	<input type="checkbox"/>
Casado	<input checked="" type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão:

Habilitações literárias: 1.º ano

Localidade da habitação: Bolombze

Local do posto de trabalho: Terrugem

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

....

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:
- de 20
20 - 25
26 - 30
31 - 35
36 - 40
40 - 45
+ 45

Género:
Masculino
Feminino

Estado Civil:
Solteiro
Casado
União de facto
Divorciado
Viúvo

Profissão: *Emprego de estalado*

Habilitações literárias: *id'c'c'*

Localidade da habitação: *Belem*

Local do posto de trabalho: *na empresa*

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ELRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração
Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:

- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input checked="" type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:

Solteiro	<input checked="" type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão: *Leitor de Idosos*

Habilitações literárias: *3º ciclo*

Localidade da habitação: *C. H. Vieira*

Local do posto de trabalho: *Estoril*

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input checked="" type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:	
Solteiro	<input type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input checked="" type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Viúvo	<input type="checkbox"/>

Profissão:

Habilitações literárias: 12.º Ano Curso Profissional de Gestão empresarial

Localidade da habitação: Tojeira

Local do posto de trabalho: Penha Garcia

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

4. Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estimados Pais,

Encontro-me a realizar uma entrevista, para o meu Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, sob a orientação do Professor António Montiel e da Professora Maria Lacerda.

Para concretizar esta pesquisa, necessito da vossa colaboração, através do preenchimento deste questionário. As respostas serão estritamente confidenciais e muito importantes para a concretização deste estudo.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Susana Santos

Dados Pessoais:

Idade:	
- de 20	<input type="checkbox"/>
20 - 25	<input type="checkbox"/>
26 - 30	<input checked="" type="checkbox"/>
31 - 35	<input type="checkbox"/>
36 - 40	<input type="checkbox"/>
40 - 45	<input type="checkbox"/>
+ 45	<input type="checkbox"/>

Género:	
Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input checked="" type="checkbox"/>

Estado Civil:	
Solteiro	<input checked="" type="checkbox"/>
Casado	<input type="checkbox"/>
União de facto	<input type="checkbox"/>
Divorciado	<input type="checkbox"/>
Vítimo	<input type="checkbox"/>

Profissão: Auxiliar da Reg. Lacerda

Habilitações literárias: 12º ano e curso técnico de informática

Localidade da habitação: Évora

Local do posto de trabalho: Évora

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Idade do seu filho(a):

3 anos 4 anos 5 anos

Frequentou o Jardim de Infância em anos anteriores?

Sim

Não

Quando soube que a educadora do seu filho(a) se encontrava em cadeira de rodas sentiu receio?

Sim

Não

Considera que a educadora consegue realizar o mesmo trabalho que uma educadora dita normal?

Sim

Não

Atualmente sente os mesmos receios do início do ano letivo?

Sim

Não

Como reagiu o seu filho(a) inicialmente ao facto da educadora se encontrar em cadeira de rodas?

Com receio

Com naturalidade

Atualmente qual é a atitude do seu filho(a) em relação à educadora?

De receio

Natural

Muito obrigada pela sua colaboração

Relatório Final: As Práticas do Educador Portador de Deficiência Motora

2013/2014

**Anexo III – 2º Inquérito por Questionário efetuado
a uma amostra de Pais/Encarregados de Educação**

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Questionário

Este questionário pretende recolher algumas informações sobre a forma como foi vista a integração de Educadora de Infância do Jardim de Infância de Bolembre- Sala 2, e tem como ponto de partida o questionário anterior feito a todos os pais das crianças que integram esta mesma sala.

Esta recolha de dados faz parte da minha investigação para o relatório final, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

* Idade do seu filho/a 6

1 - A maioria dos pais no questionário anterior revelou não sentir receio face à educadora de infância se encontrar em cadeira de rodas. Que comentário lhe merece este facto.

É bom saber que a maioria dos pais não sente receio face à educadora de infância se encontrar em cadeira de rodas. Isso mostra que os pais são muito compreensivos e preocupados com o bem-estar das crianças.

2- Considera que este Jardim-de-Infância reúne as condições ao nível das infraestruturas para receber na sua equipa uma educadora nestas condições? Justifique.

Sim, pois o Jardim de Infância possui todas as condições necessárias para receber uma educadora com deficiência. Existem espaços adequados, materiais pedagógicos e uma equipa de apoio que pode ajudar a educadora a desempenhar as suas funções de forma eficaz.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Mestrado em Educação Pré-Escolar

3 - Quando é feita uma visita de estudo considera que a Educadora consegue fazer um acompanhamento equivalente ao que faria uma outra Educadora sem essa limitação motora? Justifique.

Sim, pois consigo acompanhar os alunos e fazer um acompanhamento equivalente ao que faria uma outra Educadora sem essa limitação motora.

4- Em relação às reuniões de pais, e à relação estabelecida com os pais por parte da Educadora, encontra algum fator relevante que se relacione com a sua limitação física?

Sim, acho que os pais não sabem muito bem o que a educadora precisa e não sabem muito bem o que a educadora precisa.

5- Considera que o seu filho/a e os seus colegas de algum modo têm atitudes diferentes para com a Educadora por esta se encontrar numa cadeira de rodas? Se sim, justifique.

Sim, acho que os alunos não sabem muito bem o que a educadora precisa e não sabem muito bem o que a educadora precisa.

6- Em geral, considera que houve alguma evolução ao longo do ano no modo como a Educadora se relacionava (com os alunos ou com os pais) ou no modo como o seu trabalho era percecionado pelos alunos e pelos pais? Descreva essa evolução.

Sim, acho que os alunos não sabem muito bem o que a educadora precisa e não sabem muito bem o que a educadora precisa.

Obrigada pela sua colaboração!

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Questionário

Este questionário pretende recolher algumas informações sobre a forma como foi vista a integração de Educadora de Infância do Jardim de Infância de Boalobre- Sala 2, e tem como ponto de partida o questionário anterior feito a todos os pais das crianças que integram esta mesma sala.

Esta recolha de dados faz parte da minha investigação para o relatório final, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Idade do seu filho/a 6 anos

1 - A maioria dos pais no questionário anterior revelou não sentir receio face à educadora de infância se encontrar em cadeira de rodas. Que comentário lhe merece este facto.

Não há barreiras/limitações quando há interesse de que se faz, tudo o resto é superável!

2- Considera que este Jardim-de-Infância reúne as condições ao nível das infraestruturas para receber na sua equipa uma educadora nestas condições? Justifique.

Penso que as dimensões da sala de aula deveriam ser maiores para melhor movimentação e todo o material deveria estar ao acesso da educadora/extra!

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar

3 - Quando é feita uma visita de estudo considera que a Educadora consegue fazer um acompanhamento equivalente ao que faria uma outra Educadora sem essa limitação motora? Justifique.

Em algumas situações não, como por exemplo edifícios com escadas onde a educadora tem de se ausentar grupe!

4- Em relação às reuniões de pais, e à relação estabelecida com os pais por parte da Educadora, encontra algum fator relevante que se relacione com a sua limitação física?

Não. Sempre se manifesta interessada em relação dos acontecimentos com o meu filho.

5- Considera que o seu filho/a e os seus colegas de algum modo têm atitudes diferentes para com a Educadora por esta se encontrar numa cadeira de rodas? Se sim, justifique.

Pensa que não, no entanto por vezes conta-me que se escondem de modo a educadora não os ver, mas penso que faziam e mesmo com outra pessoa sem ser portadora cadeira rodas!

6- Em geral, considera que houve alguma evolução ao longo do ano no modo como a Educadora se relacionava (com os alunos ou com os pais) ou no modo como o seu trabalho era percebido pelos alunos e pelos pais? Descreva essa evolução.

Ao longo de relacionamente as crianças adquiriram mais a vontade com a educadora em relação aos pais a educadora é tímida ~~mas~~ e tem de sentir mais confiança em si e no seu trabalho, impende maior barreira e não a cadeira de rodas.)

Obrigada pela sua colaboração!

Questionário

Este questionário pretende recolher algumas informações sobre a forma como foi vista a integração de Educadora de Infância do Jardim de Infância de Boilembre- Sala 2, e tem como ponto de partida o questionário anterior feito a todos os pais das crianças que integram esta mesma sala.

Esta recolha de dados faz parte da minha investigação para o relatório final, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Idade do seu filho/a 5

1 – A maioria dos pais no questionário anterior revelou não sentir receio face à educadora de infância se encontrar em cadeira de rodas. Que comentário lhe merece este facto.

Não tem nenhum problema com a educadora se
encontrar numa cadeira de rodas.

2- Considera que este Jardim-de-Infância reúne as condições ao nível das infraestruturas para receber na sua equipa uma educadora nestas condições? Justifique.

Sim, a educadora consegue se mover por
tudo a escola, a sala e grande a ter
estas condições.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar

3 - Quando é feita uma visita de estudo considera que a Educadora consegue fazer um acompanhamento equivalente ao que faria uma outra Educadora sem essa limitação motora? Justifique.

Não, pois a limitação motora impede a realização de visitas de estudo, pois não é possível deslocar-se para locais que não sejam imediatamente acessíveis.

4 - Em relação às reuniões de pais, e à relação estabelecida com os pais por parte da Educadora, encontra algum fator relevante que se relacione com a sua limitação física?

Não, nunca se opõe de qualquer forma a educação.

5 - Considera que o seu filho/a e os seus colegas de algum modo têm atitudes diferentes para com a Educadora por esta se encontrar numa cadeira de rodas? Se sim, justifique.

Não, os alunos não têm atitudes diferentes para com a Educadora por esta se encontrar numa cadeira de rodas.

6 - Em geral, considera que houve alguma evolução ao longo do ano no modo como a Educadora se relacionava (com os alunos ou com os pais) ou no modo como o seu trabalho era percebido pelos alunos e pelos pais? Descreva essa evolução.

Com o tempo, os alunos passaram a perceber a Educadora como uma profissional que trabalha com eles, e não apenas como uma pessoa que os ensina. Além disso, os pais passaram a perceber a Educadora como uma profissional que trabalha com os seus filhos, e não apenas como uma pessoa que os ensina.

Obrigada pela sua colaboração!

Questionário

Este questionário pretende recolher algumas informações sobre a forma como foi vista a integração de Educadora de Infância do Jardim de Infância de Bolembre- Sala 2, e tem como ponto de partida o questionário anterior feito a todos os pais das crianças que integram esta mesma sala.

Esta recolha de dados faz parte da minha investigação para o relatório final, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Idade do seu filho/a _____

1 – A maioria dos pais no questionário anterior revelou não sentir receio face à educadora de infância se encontrar em cadeira de rodas. Que comentário lhe merece este facto.

2- Considera que este Jardim-de-Infância reúne as condições ao nível das infraestruturas para receber na sua equipa uma educadora nestas condições? Justifique.

3 - Quando é feita uma visita de estudo considera que a Educadora consegue fazer um acompanhamento equivalente ao que faria uma outra Educadora sem essa limitação motora? Justifique.

Quando é feita uma visita de estudo, a educadora consegue fazer um acompanhamento equivalente ao que faria uma outra educadora sem essa limitação motora, pois a educadora consegue adaptar-se a qualquer situação e fazer um acompanhamento adequado.

4- Em relação às reuniões de pais, e à relação estabelecida com os pais por parte da Educadora, encontra algum fator relevante que se relacione com a sua limitação física?

Sim, encontro alguns fatores relevantes que se relacionam com a minha limitação física, nomeadamente a dificuldade de acesso às reuniões de pais e a dificuldade de comunicação com os pais.

5- Considera que o seu filho/a e os seus colegas de algum modo têm atitudes diferentes para com a Educadora por esta se encontrar numa cadeira de rodas? Se sim, justifique.

Sim, considero que os meus alunos e colegas têm atitudes diferentes para com a educadora por esta se encontrar numa cadeira de rodas, nomeadamente a dificuldade de comunicação e a dificuldade de acesso às atividades.

6- Em geral, considera que houve alguma evolução ao longo do ano no modo como a Educadora se relacionava (com os alunos ou com os pais) ou no modo como o seu trabalho era percecionado pelos alunos e pelos pais? Descreva essa evolução.

Em geral, considero que houve alguma evolução ao longo do ano no modo como a educadora se relacionava com os alunos e com os pais, nomeadamente a melhoria da comunicação e a melhoria do acesso às atividades.

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo IV – Inquérito por Questionário efetuado à Educadora de Infância

Questionário

Este questionário prende-se com o Relatório Final, que me encontro a elaborar, tendo como ponto de partida a observação da sua prática educativa, neste sentido, mais uma vez peço-lhe a sua colaboração que será preciosa para as minhas conclusões. O relatório a que me refiro está a ser orientado pelo Professor António Montiel.

Devo frisar que o seu anonimato irá ser mantido ao longo de todo o trabalho.

1- O que a levou a escolher esta profissão?

ESCOLHI ESTA PROFISSÃO DEVIDO AO FACTO DE SEMPRE
COMPREI, GESTAR DE CRIANÇAS DESTA FAIXA ETÁRIA.

2- Há quantos anos exerce a sua profissão?

NO FINAL DESTA ANO LETIVO COMPLETO 5 ANOS DE PROFISSÃO.

3 - Ficou sempre colocada no quadro do Ministério da Educação? Se sim, explique porque acha que tal tem sido possível.

SIM, SEMPRE FOI COLOCADA COMO CONTRATADA EM
HORÁRIOS ANUAIS E COMPLETOS. ISSO DEVE-SE AO FACTO
DE EU CONCORRER A NÍVEL NACIONAL, (TA) TAMBÉM DEVIDO

A EXISTIR UM DECRETO-LEI (N.º 1/2001) QUE ESTABELECE O SISTEMA DE
EMPREGO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

QUOTAS DE

4- Este ano letivo sentiu que foi logo integrada na comunidade educativa? O que a faz sentir isso?

SIM, PENSO QUE FUI INTEGRADA NA COMUNIDADE EDUCATIVA
DESDE CEGO. NO INÍCIO DO ANO LETIVO, COLÉGAS E

AUXILIARES CONSTATARAM-SE SEMPRE DISPONÍVEIS. EM TODO

O QUE FOSSE NECESSÁRIO, DAI TER-HE SENTIDO LOGO INTEGRADA